

# fala tu!

ISSN 3086-111X

VOL. 1, N. 1, 2025

★ Não  
repare a bagunça.  
★ Estamos em  
crônica! ★



### **Editores Responsáveis pelo volume**

Patrícia Silva Rosas de Araújo DME/CE/UEPB

Fabrini Katrine da Silva Bilro DME/CE/UEPB

Gilvete de Lima Gabriel DME/CE/UEPB/UFRR



ISSN 3086-111X



É permitido compartilhar este material — copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato — desde que citada a autoria e observados os termos da licença CC BY-NC-ND. Os conceitos, hipóteses, opiniões, conclusões e recomendações apresentadas são de inteira responsabilidade dos autores, assim como a indicação e utilização de fontes bibliográficas, iconográficas, tabelas e/ou gráficos. As ideias aqui expressas não refletem, necessariamente, a visão da Fala Tu!



Universidade Federal da Paraíba  
**Portal de Periódicos**  
EDITORA UFPB



## EXPEDIENTE

### Editora-chefe

Patrícia Silva Rosas de Araújo DME/CE/UFPB

### Editoras adjuntas

Fabrini Katrine da Silva Bilro DME/CE/UFPB  
Gilvete de Lima Gabriel DME/CE/UFPB/UFRR

### Comissão Editorial

Adlene Silva Arantes | UPE  
Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel | UPE  
Dieison Prestes da Silveira | UFPB  
Josué Carlos S. Santos | USP  
Manassés Morais Xavier | UFCG  
Maria Graciele de Lima | UFPB  
Maria Margareth de Lima | UFPB  
Maricélia Ribeiro Jorge | PMCG  
Monique Alves Vitorino | UPE

### Colaboração Editorial dos Estudantes | UFPB

Adryel Veloso de Jesus  
Hugo Darlyson de Araujo Andrade  
Luciana Trajano da Silva | UFPB  
José Marcos Ramos Vital  
Polyanna Santos de Moura Lima

### Designer da capa

Hugo Darlyson de Araujo Andrade |UFPB

## Conselho Consultivo

Amasile Coelho L. C. Sousa | UEPB  
Ana Cláudia de França | UFPE  
Cícero Pedroza Silva | UFPB  
Haila Ivanilda da Silva | UFPE  
Isabelle de Araújo Pires | PMCG  
Jéfferson Luiz B. L. Silva | UFPB  
João Gilberto Farias Silva | UFPE  
Josias Ferreira da Silva | UERR  
Luciano Nascimento | UEPB  
Maria Leogete Joca da Costa | UFRR  
Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo Barbosa | UFPE  
Rejane Dias da Silva | UFPE  
Roziane Marinho Ribeiro | UFCG  
Sebastião Monteiro Oliveira | UFRR  
Tânia Guedes Magalhães | UFJF  
Thayana Priscila Domingos da Silva |UFPB

## Responsável Técnico/Suporte

Aldenora Giovana da Silva | UFPB Maria  
Dayane Lira Dantas | UFPB

## Endereço Editorial

Fala Tu!

Contato: [contatorevistafalatu@gmail.com](mailto:contatorevistafalatu@gmail.com)  
Centro de Educação – Universidade Federal  
da Paraíba - Cidade Universitária – Campus I  
CEP 58059-970 – João Pessoa, PB – Brasil

# Editorial

A casa é mais do que paredes, janelas e telhados. É lugar de abrigo e de partida, de silêncio e de festa, de dor e de cura. É o espaço onde se misturam memórias e afetos, onde a infância se eterniza em detalhes simples — o cheiro do café, o balanço no quintal, a mesa que reúne histórias.

Este volume da *Fala Tu!* nasce do entrelaçamento entre lembrança e imaginação, dando voz às experiências que moldam a vida cotidiana. As crônicas reunidas foram produzidas por estudantes do curso de Pedagogia, do Centro de Educação da UFPB, Campus I, na disciplina de Linguagem e Interação (noturno), semestre 2025.1. Cada texto apresenta um olhar singular sobre o sentido de ter ou perder uma casa, de construir ou reinventar um lar. São narrativas que atravessam tempos e geografias, revelando que a casa também habita em nós: na mesa marcada pelo tempo, no quintal que se fazia universo, nos almoços em família e nas perdas inevitáveis que a memória insiste em preservar.

Ao longo das páginas, percebemos que a casa não é apenas espaço físico. Ela se transforma em metáfora da vida: lugar de acolhimento, mas também de despedida; lugar de raízes, mas também de asas. Pode ser um lar cheio de gente ou um quarto silencioso, pode ser lembrança de infância ou promessa de futuro, pode ser dor que aprisiona ou amor que liberta.

Este volume não reúne apenas histórias individuais, mas um sentimento universal: a busca por pertencimento. No fundo, todos carregamos uma casa dentro de nós — mesmo quando precisamos deixá-la para trás.

Cada crônica parte de vivências pessoais para revelar perspectivas singulares sobre a ideia de casa e sobre as relações que ela abriga. Como disse Bráulio Tavares (2013), “*o cronista é como um catador de lixo da História: ele procura o que não foi aproveitado, o que passou despercebido, o que ninguém se atreveu a comentar, o que não mereceu atenção [...]*”.

É nesse espírito que convidamos você, leitor, a percorrer estas páginas com o coração aberto. Em cada crônica, há um lar à espera de ser reconhecido, lembrado e habitado.

E se, ao percorrer estas páginas, você encontrar frestas, tijolos à mostra ou detalhes fora do lugar, não estranhe: são marcas do aprendizado de quem se aventura a escrever crônicas. São estudantes em processo de construção — que experimentam, arriscam, tropeçam e recomeçam —, dando vida a textos autorais que permanecem vivos e pulsantes no desejo de existir no olhar de quem lê. Aqui, a escrita não nasce para cumprir uma avaliação, mas para ganhar voz, espaço e presença. Por isso, não *repare a bagunça: estamos em crônica!*

Equipe Editorial

# SUMÁRIO

Aquela mesa 6

**Adnayane Lopes de Araújo Ferreira**

Tia Lua 7

**Aldenora Giovana da Silva**

Vende-se esta casa! 8

**Amanda Morais Araujo**

O céu estrelado 9

**Ana Beatriz Dantas Cornélio**

Pedaço de infância 10

**Ana Gabrielle Trigueiro Martins**

Não garanto nada, apenas mexerica! 11

**Ana Graziely Araujo Freire Silva**

O cheiro do sábado 12

**Ana Raquel de Souza Ramos**

À procura de respostas 13

**Camille Eustaquio de Lima**

O castelo de poeira brilhante 14

**Debora dos Reis Lima**

O que uma marmita esconde? 15

**Edna de Araújo Rodrigues Reis**

Sobre gatos, barulho e companhias 16

**Eduardo Wanderley Marques**

Entre quatros paredes,  
eu 17

**Fagner Rodrigues da Silva**

Despedidas, entre riscos e sombras 18

**Flávio Venancio da Silveira Melo da  
Silva**

Apagando os rastros do café 20

O que ainda restou 33

**Michele Alexandre Monteiro Dias**

**Hugo Dárlyson de Araújo Andrade**

A garrafinha da tampa amarela 21

**Iasmim Silva de Oliveira**

Preces para Pedro 22

**Iêda Maria da Silva Andrade**

Teclando afeto 23

**Jonas Santos de Oliveira**

O que há por trás desse muro alto? 24

**Layana Brenda Cavalcante Santana**

A varanda que abraçou o tempo 25

**Leomarques de Araújo Alves**

Meu jeito de maternar afetos 26

**Luana da Silva Mendes**

Paredes da infância 27

**Lucimar Cavalcante da Silva Araújo**

Só o violão resistiu ao tempo 28

**Maria Cristiane Xavier Andrade**

Domingos que acolhem 29

**Maria Dayane Lira Dantas**

Os telhados da cidade 30

**Maria Helena Barbosa Da Silva**

Ele se foi 31

**Maria Vitória da Silva Bezerra**

Sempre pronta! 32

**Marleide Rodrigues da Costa**

Perto do Rio 34  
**Nayane Dias Torres**

Eis que estou à porta e bato! 35  
**Pâmela Sousa de Albuquerque**

Será que ela é feliz? Acho que sim,  
**Patrícia Rosas**

Quando eu voltei, ele já não era o n  
**Raíssa Martins Tavares**

Bora lanchar? 39  
**Raissa Rayanne Fernandes Frutuoso**

Garagem é modo de dizer 40  
**Raissa Ribeiro Moreira Luna**

Morar em você 32  
**Rhuama Fernandes da Silva**

Abraço em forma de madeira 43  
**Tamires Mariano da Silva**

O tomate que não vingou 44  
**Thais Batista Tavares de Araújo**

Aconchego rosa 45  
**Vitória de Souza Trajano**

ESPECIAL – CRÔNICA ADELAIDE PEIXOTO 46

## **AQUELA MESA**

**Adnayane Lopes de Araújo Ferreira**

O ano era 2006, domingo de Páscoa. Como de costume, nos reuníamos na casa da minha avó, em Matureia, interior da Paraíba. A casa estava cheia: primos, tios, toda a família marcava presença. Era sempre uma boa oportunidade de estarmos juntos.

Nosso lugar preferido era o entorno da mesa. Ali atualizávamos as conversas, as fofocas e o rumo da vida de cada um. Aquela mesa de madeira, com suas seis cadeiras no centro da cozinha, representava o elo familiar. Era especial, pois foi meu avô quem a construiu.

No meio das conversas e do vai e vem de gente, lá passa minha avó com uma travessa cheia de chocolates — seria a nossa sobremesa. De repente, ela tropeça na Bia, nossa cachorrinha que estava deitada perto da porta da cozinha e quase derruba a travessa no chão.

Mas a mesa, firme e forte, salvou a travessa — e a nossa esperada sobremesa.

Aquele domingo parecia como tantos outros. Porém, com o passar do tempo, percebi que aquela mesa, símbolo da nossa união, era o verdadeiro ponto de encontro da família. Nossos melhores e piores momentos aconteceram ao redor dela.

Hoje, na minha casa, a tradição continua: os encontros, as conversas, os afetos servidos junto ao pão. A mesa, mais que um móvel, é o lugar onde a memória se senta conosco e nunca vai embora.

## TIA LUA

Aldenora Giovana da Silva

Em 2020, eu passava muito tempo na casa da minha tia. Uns a chamavam de Neide, outros de Rosineide. Para mim, ela sempre foi Tia Lua.

Todo sábado era dia de feira. Eu, preguiçosa, fingia que ia dormir até mais tarde, como se isso fosse me livrar da rotina. Mas não adiantava: antes mesmo de abrir os olhos, o cheiro da tapioca de coco já me alcançava. Resistir era impossível. Acordar assim era como ser sequestrada pela barriga, e Tia Lua era mestra nesse tipo de crime.

Nossos dias tinham um ritmo que hoje parece cena de filme: arrumar a casa, inventar brincadeiras, passar a tarde vendo filmes e, no fim, o bolo baeta dela saindo do forno. Ela tinha o dom de transformar rotina em mistura de aconchego e festa.

O problema era quando eu tinha que voltar para casa. Sempre vinha aquele aperto no peito, a vontade de ficar mais. E, antes de eu sair, ela repetia a mesma frase: — *Não se esqueça de mim!*

Eu ria e respondia que era impossível. Como esquecer alguém que te acorda com coco ralado e goma quentinha?

Hoje entendo melhor aquele pedido. Quem teme ser esquecido é justamente quem mais se esforça para deixar marcas. E ela deixou tantas. Longe da minha mãe, foi ela quem me cuidou como filha. E isso não se apaga.

Tia Lua já não está mais aqui, mas errou quando pensou que um dia poderia ser esquecida. Como esquecer quem nos ensinou que carinho também se serve no prato, que cuidado cabe numa tarde de filmes, que amor pode ter cheiro de bolo recém-saído do forno?

Todas as noites, quando olho para o céu, vejo a lua e lembro dela. E é engraçado... às vezes até sinto o gosto da tapioca de coco e do seu bolo de baeta que ninguém jamais conseguiu superar.

## **VENDE-SE ESTA CASA!**

**Amanda Morais Araujo**

Estava no caminho do trabalho, como todos os dias. Em alguns bairros de João Pessoa, ainda há casas grandes, de arquitetura antiga, quase sempre com uma placa de “vende-se”. Fico imaginando os motivos da venda: ora penso no aumento da criminalidade, ora na moda das construções modernas, minimalistas. Em julho de 2025, recebi de minha mãe, pelo WhatsApp, a notícia que não queria: a nossa casa grande, onde vivi minha primeira infância, havia sido vendida.

Desde então, nesse trajeto de casa ao trabalho, ao olhar para cada portão à venda, imagino as vidas, os amores e os conflitos que aquelas paredes guardaram. E, inevitavelmente, lembro da minha própria casa, que já não é mais minha.

Pergunto a mim mesmo: seria mesmo necessário me desfazer daquele lugar que me trazia paz no fim do dia? Será que os apartamentos, rodeados de vizinhos barulhentos, me permitiriam ouvir o canto dos pássaros ao amanhecer? Esse questionamento me levou a revisitar, em pensamento, os dias vividos na minha casa grande do interior — a casa que agora pertence a outros.

Passei ali 4.380 dias, sem contar os anos bissextos. Foram 48 estações e três cores de porta: marrom, cinza e, no 11º ano, verde. Ao voltar na memória aos meus cinco anos, vejo em “efeito sépia” meu pai instalando o balanço que ele mesmo fez na árvore em frente à fachada já gasta.

Havia um caminho, alguns degraus e um banco silencioso, que por 12 anos acumulou devaneios. Foi testemunha muda de gratidão, felicidade, anseios e dor. A cada estação, o vento mexia nas folhas da árvore com intensidade diferente, como se refletisse a vida daqueles que ali encontravam abrigo. As folhas que caíam estavam presas aos capítulos cotidianos de uma família de cinco, que, como os ventos, logo tomaria direções diferentes.

O tempo, sorrateiro, foi corroendo sua estrutura. Desbotou as cores, desgastou a madeira da mesa de jantar, recolheu a bagunça deixada pelas três irmãs ao voltar da escola, silenciou, aos poucos, o grito da mãe — guardiã da casa. O tempo foi chave: acolheu, mas também deixou ir. Viu dois se tornarem cinco, e cinco virarem oito.

Crescer significou deixá-la. Minhas raízes ficaram no chão em que foi construída, mas a pequena cidade não oferecia perspectiva de crescimento profissional. Ao retornar uma ou duas vezes por ano, ainda a vejo. E me pergunto: valeu a pena vender a nossa casa para morar nesta selva de pedras? Difícil responder. Mas, se tivesse uma única oportunidade... ah, eu voltaria.

## O CÉU ESTRELADO

Ana Beatriz Dantas Cornélio

Certa noite, com a cabeça cheia e o corpo cansado, decidi ir até a praia Cabo Branco, João Pessoa. Sentei-me na areia e deixei a brisa do mar me acalmar. O céu estava limpo, cheio de estrelas. Ao longe, alguns pais observavam os filhos brincando. Fiquei ali, tentando encontrar respostas naquela imensidão.

Foi então que me lembrei do meu próprio “céu particular”, lá em 2009. Naquela época, *Guns N’ Roses* tocava pela casa enquanto eu guardava a mochila da escola. O ambiente tinha cheiro de torta salgada — minha irmã adorava cozinhar — e também de saudade, desde a ausência do meu pai. À noite, deitada no quarto silencioso, eu olhava para o teto branco, que guardava pequenas estrelas adesivas coladas por meus pais para que eu não tivesse medo.

Aquelas estrelinhas eram minhas companheiras. Brilhavam no escuro, me ajudavam a sonhar e me davam uma sensação de proteção. Muitas vezes chorei olhando para elas, sentindo falta do meu pai, querendo ouvir sua risada exagerada ou assistir a um filme com ele. Cada ponto de luz me trazia um pouco dessa presença que já não estava ali.

Com o tempo, os adesivos foram se apagando. Restou apenas uma estrelinha, solitária, que continuava brilhando apesar das falhas. Eu a guardei no coração, como lembrança da infância e como símbolo de resistência. Ainda hoje, quando olho para o céu de verdade, sinto que carrego aquela mesma luz comigo.

Minha casa de então também guardava pequenos gestos que nos sustentaram nos momentos difíceis. Aos poucos, aprendemos a reconstruir o que o tempo tinha levado. Na simplicidade daquele teto, eu vivi dias felizes. Ele acompanhava minhas noites, em silêncio, como testemunha da minha história.

Agora, já longe de casa, ainda encontro nele uma parte de mim. E quando volto à praia e me sento diante do céu estrelado, percebo que aquele mesmo silêncio que me acolhia no quarto permanece comigo. A saudade não desaparece, mas as estrelas continuam a me lembrar que sempre existem lugares — na memória e dentro de mim — onde posso descansar.

## **PEDAÇO DE INFÂNCIA**

**Ana Gabrielle Trigueiro Martins**

Esta semana estava bem nostálgica. Lembrei da minha casa, espaçosa, com um beco longo que leva até o movimento da rua. Nos dias bem cedo, ela é invadida pelo cheiro forte da maresia, como se o mar quisesse morar também dentro dela.

Às tardes, gosto de tirar um cochilo, mas meu cachorro barulhento late sem descanso, e quem tenta dormir mais um pouco não consegue. Aprendi a me acostumar: aquele som do cachorro faz parte da vida que se espalha por cada canto.

No beco, brinquei muito. Corria até ralar o joelho, me jogava no chão sem medo, inventava mundos enquanto o terraço ainda estava molhado da água jogada pela manhã. As paredes guardam marcas de tantas aventuras: o muro manchado da bola, a porta que rangia, a rede estendida na sala como convite ao descanso.

Às tardes, nos finais de semana, quando recebíamos visitas, o cheiro de café recém passado se misturava ao das panelas na cozinha, e a casa ganhava um ar de aconchego. Era o lugar de ouvir histórias, rir alto e sentir que a vida era simples, mas cheia de sentido.

Minha casa não era só paredes e teto: era um pedaço de infância, um abrigo de risos e lembranças que ainda hoje me acompanham.

## **NÃO GARANTO NADA, APENAS MEXERICA!**

**Ana Graziely Araujo Freire Silva**

Era feriado de aniversário da cidade de João Pessoa, na Paraíba, uma terça-feira que parecia ter acordado de bom humor. Consegui uma folga do trabalho e, do nada, decidi: hoje vou tomar banho de mar. Mas aí veio a realidade: com quem?

Lembrei da minha prima, a coadjuvante oficial das minhas loucuras. Liguei. Ela atendeu e, antes mesmo de eu terminar a frase, já disparou um “vamos”. Dinheiro? Só o saldo da passagem no cartão do ônibus. Mas, quando a vontade é grande, até ônibus sacolejando vira Uber Black.

Chegando lá, o mar estava lindo, daqueles que parecem abraçar sem pedir nada em troca. Enquanto chupava minha laranja-cravo, com o suco escorrendo pelos dedos, comecei a filosofar com minha prima sobre a vida, o futuro, essas coisas que só fazem sentido quando a gente encara o infinito. Mas, como toda conversa de praia, caímos no tema inevitável: o amor.

E amor, vou te contar, é tipo Wi-Fi público: todo mundo diz que funciona, mas na hora de usar... só dá falha de conexão.

Foi aí que minha prima, toda vidente de novela mexicana, olhou para trás e decretou:

— Esse aí vai ser o amor da sua vida.

Virei e vi um cara. Um cara não — um poste de quase dois metros, paulista, forte, com cara de quem estaciona de ré sem errar. Gargalhei alto, tentando disfarçar o nervosismo. Mas, adivinha? Ele volta, olha pra gente e pergunta, todo educado:

— Posso deixar minhas coisas aqui enquanto dou um mergulho?

Por dentro, eu só pensava: “Pronto, é agora que minha vida vira roteiro de comédia romântica barata.”

Ele foi, nadou, voltou e começou a conversar com a gente. No meio da prosa, ofereci minha laranja-cravo. Ele aceitou e, como cena de filme, me ofereceu uma mexerica que trazia, pura coincidência. Até aquele dia, eu nem sabia que mexerica era só outro nome pra laranja-cravo. Ele riu da minha cara, eu ri da dele, e a vida seguiu naquele tom de verão.

No fim, ele se despediu, pegou as coisas e foi embora. Nada de número, nada de Instagram, nada de “até mais”. Só foi.

Hoje, de lembrança, só restou a casca da tal mexerica, esquecida na porta da minha geladeira. Toda vez que vejo aquela casca, penso que a vida é isso mesmo: um monte de histórias que começam com um banho de mar e terminam com uma fruta cítrica que você não sabe se come ou guarda.

## O CHEIRO DO SÁBADO

Ana Raquel de Souza Ramos

Cresci entre duas casas, tentando entender o que significava pertencer a ambas e, ao mesmo tempo, não me sentir inteira em nenhuma delas. A rotina era marcada por despedidas e recomeços: arrumar a mochila, esperar o horário da visita, atravessar a cidade para encontrá-lo. Para muitas crianças de pais separados, esse ritual se torna parte da infância: o vai e vem entre quartos diferentes, regras diferentes, afetos que precisam ser repartidos como se houvesse um calendário para o amor.

Na nova casa do meu pai, o portão pesado rangia sempre que eu chegava, como se fosse um narrador anunciando minha entrada. No quintal de grama torta, a vida se ajeitava do seu jeito. O cheiro de sábado tomava conta do ar: comida no fogo, cachorro correndo solto, vozes misturadas no corredor. Nada ali tinha a pretensão de ser grandioso, mas, para mim, aquele espaço era um universo inteiro — pequeno, imperfeito e, ainda assim, suficiente para caber todas as minhas esperas.

Meu pai me recebia com um sorriso contido. Não éramos de abraços demorados nem de conversas profundas. O afeto dele morava nos gestos pequenos: o prato posto à mesa, o feijão fervendo na panela, a presença firme, mesmo em silêncio. A mesa de mármore guardava essas rotinas breves, encontros de fim de semana que me faziam sentir parte de algo.

Mas o tempo não espera. Meu pai seguiu outro caminho, construiu outra casa, outra família. Aquele quintal ficou fechado, sem cheiro de comida, sem passos no corredor. É como um livro guardado que quase ninguém lê, mas que eu ainda sei de cor.

Hoje, quando volto a ele em pensamento, encontro apenas o vazio. Não sinto falta só da casa, mas da relação que tínhamos — e também do que não tivemos. Do abraço que poderia ter durado mais, da palavra que ficou presa, do afeto que se perdeu no silêncio.

Aquela casa é também retrato de uma ausência. Talvez nunca deixe de me acompanhar, porque foi ali que aprendi que o amor pode morar em gestos simples e silenciosos — mas que, quando só resta o silêncio, ele pesa como um portão fechado.

## À PROCURA DE RESPOSTAS

Camille Eustaquio de Lima

Era uma segunda-feira ensolarada e o sol parecia ter acordado antes de todo mundo e iluminava até as frestas mais tímidas da rua. Enquanto esperava o ônibus, que, como sempre, atrasava, eu me distraía contando as rachaduras da calçada, como se cada uma fosse um pedaço de memória se abrindo no chão, incluindo as minhas. Parecia que, naquele instante, todas as gavetas que separavam minhas lembranças também escolhiam o que eu ia pensar pelo resto do dia. Será que lembram de quando ri tanto num passeio de escola que quase fiz xixi nas calças? Será que as pessoas que eu gosto gostam de mim da mesma forma?

Sempre fui muito sensível e extremamente reflexiva. Minha sorte é que minha memória não é tão boa, lembrando de algumas coisas apenas quando eu insisto. Acho que sempre fui uma criança meio adulta demais. Com uns seis anos, perguntei ao meu pai: “Se Deus realmente existe e criou tudo, quem criou ele?” Aos dez, já me preocupava genuinamente com a morte, para onde iria quando meu corpo deixasse a Terra, se seria alguém na vida, se faria alguma diferença na sociedade. Sempre foi assim.

Durante toda a minha vida, procurei esse significado — seja lá qual for — algo que me fizesse sentir que eu tinha um propósito na vida de alguém. Busquei em vários lugares um cantinho que me fizesse sentir como quando me pendurava no cajueiro gigante da casa da minha tia, esquecendo os problemas do mundo. Mas cada lugar parecia sem raiz, sem folhas verdinhas, sem carinho, sem amor. Nenhum deles parecia a casa gigante que eu visitava na infância, com o cajueiro ainda maior, que me dava a sensação de escalar uma montanha.

Na infância, procurei algo para me segurar. Não importava se fosse um corrimão infestado de bactérias, uma presilha para prender o cabelo, um abraço apertado ou a escada do cajueiro no quintal da minha tia.

Na adolescência, a busca continuou. Procurei uma namorada, um namorado, boas notas, um histórico exemplar. Busquei validação que parecia não vir de lugar algum e um colinho para descansar, que parecia distante demais.

Agora, na vida adulta, enquanto tempero o frango para o almoço de amanhã, pego-me pensando em que lugar do mundo posso encontrar um cajueiro do tamanho de um prédio, forte como um gigante, onde eu possa finalmente construir minha casa.

Será que existe um formulário para achar um cantinho que transforme algumas paredes em lar? Me pergunto se, ao lado desse formulário, não poderia haver um quiz com conselhos que eu gostaria de ter escutado dos meus pais quando era mais nova. Creio que não seja tarde demais, né?

Quantos tijolos serão necessários para construir um cantinho em que, na pontinha da minha cama, eu possa colocar o cajueiro da casa da minha tia — aquele em que me

pendurava feito macaquinha com meus primos e me sentia tão amada? Será que esse prédio pode ser construído ao lado?

## O CASTELO DE POEIRA BRILHANTE

Debora dos Reis Lima

Essa semana, a gripe me pegou de jeito. Nariz entupido, corpo mole e aquele incômodo que parece querer me lembrar de alguma coisa. E lembrou... lembrou do meu quarto de infância.

Era um espaço simples, dividido entre mim, minhas duas irmãs e... o cuidado. Havia uma cama de casal, uma de solteiro, um berço no meio, paredes rabiscadas e um guarda-roupa enorme — enorme mesmo. Crescia à noite, ou talvez fosse apenas meu medo crescendo junto comigo. Mas lá estava ele, testemunha silenciosa de tantos momentos vividos ali dentro.

Lembrei também da poeira que saía da fábrica de cimento, no bairro da Ilha do Bispo, em João Pessoa. Quando éramos crianças, acreditávamos que era um verdadeiro castelo de poeira. As partículas dançavam no ar, cobrindo o chão, a casa, o teto; e, quando o sol entrava, brilhavam como nuvens cinzentas iluminadas. Mainha não gostava daquela poeira. Ela tinha medo que nos fizesse mal.

Foi naquele quarto que acompanhei minha mãe em ações de cuidado diárias, em tantas noites mal dormidas, embaladas por tosses e febres. De vez em quando, uma de nós adoecia, e logo outra seguia a fila. Catapora? Pegávamos em ordem, uma a uma.

Mainha trazia a caixinha de remédio com a mesma delicadeza com que passava o pano molhado para tirar a poeira do ambiente. Dizia que ia passar, mandava respirar devagar. E eu acreditava. Sempre acreditei.

Hoje penso: o que seria de mim sem Mainha? Sem a voz que dizia que tudo ficaria bem, sem o toque que curava mais do que qualquer medicamento?

O castelo de poeira, o quarto com suas paredes rabiscadas, o guarda-roupa enorme e a nuvem cinza brilhosa... tudo isso se tornou símbolo de cuidado. Descobri que cuidar é poesia, presente nos gestos mais simples, muitas vezes invisíveis aos olhos do mundo. Entendi que o cuidado não estava apenas no quarto: Mainha era — e ainda é — o verdadeiro cuidado. O lugar onde meu coração sempre volta quando precisa de aconchego.

Agora, gripada outra vez, sinto o corpo doer. Mas percebo que a memória dos cuidados também cura.

## O QUE UMA MARMITA ESCONDE?

Edna de Araújo Rodrigues Reis

Essa semana, na correria dos dias, precisei comprar uma quentinha. Não tive tempo de preparar o almoço. Quando abri aquela marmita simples — arroz, verduras, frango e feijão — ah, o feijão! Foi justamente ele que me trouxe um sopro de memória. O cheiro, o sabor, o gesto escondido ali me lembravam minha mãe.

Ela sempre demonstrou amor do seu jeitinho, nas pequenas coisas: no feijão preparado com tanto carinho (ela sabe o quanto eu amo), nas frutas que ainda insiste em mandar, nas mensagens cheias de afeto que sempre me envia — “Filha, já chegou?”, “Estou com saudades”. Cada palavra era um abraço à distância.

De repente, me vi menina outra vez, no meu quarto metade rosa, metade branco. Ali havia uma cama com mosquiteiro, um guarda-roupa, uma janela pintada de preto e o telhado simples, sem laje, só as telhas, ripas e caibros. No canto, a TV que me fazia companhia por horas, enquanto eu assistia meus programas favoritos. Sempre com o lanche que Mainha preparava: vitamina, bolo, banana com leite em pó e farinha láctea. Não era apenas lanche — era amor servido no prato, era cuidado, era proteção.

Lembro de quando ela deixava de lado suas novelas só para assistir comigo Scooby-Doo. Preferia ver o brilho nos meus olhos a qualquer capítulo. Dormir sozinha ainda me dava medo. Não era medo das cobras que às vezes apareciam no frio (mainha é quem morria de medo), mas dos pesadelos e das fantasias que minha cabeça inventava. Quando a noite chegava, eu corria para sua cama em busca de refúgio. Sem irmãos para dividir a escuridão, éramos só eu e ela durante a semana, enquanto meu pai trabalhava em outra cidade. Dormíamos cedo, embaladas pelo som dos grilos — desses que só o interior sabe oferecer.

Como é que um simples feijão conseguiu despertar tantas lembranças? Não sei explicar. Só sei que o amor mora nesses detalhes invisíveis — no cheiro do almoço atravessando a porta do quarto pela manhã, no abrigo que protege dos medos inventados pela infância, no colo que permanece mesmo quando já somos adultos.

## **SOBRE GATOS, BARULHO E COMPANHIAS**

**Eduardo Wanderley Marques**

Em 2007, havia apenas um terreno vazio: chão batido onde o vento e o silêncio faziam reinado. Mas o tempo, sempre caprichoso, mudou tudo. Em 2008, o espaço descampado deu lugar à casa dos meus pais, numa rua de periferia marcada por décadas de histórias. Ficava na rua Pedro Araújo, número 90, bairro José Américo, em João Pessoa.

Entre aquelas paredes, a vida se instalou. Elas guardam lembranças, os quartos escondem segredos e até o banheiro já conheceu lágrimas e gargalhadas.

Mas é no terraço que tudo acontece. Medindo 2m por 8m, coberto com cerâmica verde, duas cadeiras de balanço herdadas da minha avó e uma simples calha de alumínio para a chuva, aquele espaço virou palco de disputas e encontros.

À noite, quando o silêncio volta a visitar a rua, são os gatos que assumem o comando — como se o terraço fosse deles desde sempre.

O gato preto, de olhos verdes, observa tudo do muro. A angorá, fofa e tranquila, não precisa brigar para se impor. Já o malhado de rua, cheio de cicatrizes, impõe respeito só de aparecer. Entre eles, há regras próprias, disputas e acordos silenciosos.

Mas o terraço também é lugar da família. Os netos correm e brincam como se o espaço fosse um parque. A avó, paciente, acompanha tudo com um sorriso; o avô resmunga, mas gosta da movimentação. A tia tenta organizar a bagunça, sem sucesso, e acaba rindo. O tio entra nas brincadeiras como se fosse criança. O pai cansado, se rende ao sofá. Até o gato novato, recém-chegado, observa tudo, aprendendo como funciona a rotina daquela casa.

No fim do dia, o terraço se acalma. Os gatos procuram seus cantos, as crianças adormecem e os adultos respiram em silêncio. A vida ali continua simples, barulhenta e cheia de companhia.

## ENTRE QUATROS PAREDES, EU

Fagner Rodrigues da Silva

Trabalho em duas escolas, cada uma num bairro diferente. São quatro transportes por dia, um vai e vem que parece não ter fim. A rotina é pesada, e o cansaço me enfraquece. Há dias em que a vida cobra mais do que a gente tem para oferecer. Foi num desses dias que cheguei em casa sem cerimônia: deixei tudo de lado e fui direto para o quarto, como quem busca abrigo depois de uma longa batalha.

Joguei a bolsa sobre a cômoda, deixei as crocs caírem sozinhas pelo caminho e me deitei na cama sem acender a luz. O silêncio que encontrei ali foi quase um abraço. Bastou olhar para o teto para perceber: aquele espaço, tão pequeno e tão meu, é muito mais que quatro paredes — é o lugar da minha história.

As paredes guardam marcas que só eu reconheço: um porta-retrato torto, um desenho que meu irmão fez e que nunca tive coragem de apagar — e hoje faz parte da decoração —, a sombra de um armário que nem existe mais. A escrivaninha acumula papéis e pequenas bagunças que revelam tanto meus interesses quanto minhas desordens. A cama, minha fiel confidente, já foi testemunha de noites de insônia, sonhos desfeitos, descansos profundos e lágrimas de cansaço de uma rotina sufocante. Cada objeto daquele quarto carrega uma versão de mim.

E foi ali, naquele instante de exaustão, que percebi: o quarto é mais do que um espaço físico. É meu refúgio e, ao mesmo tempo, meu espelho. Refúgio, porque me acolhe quando o mundo pesa e ameaça desabar. Espelho, porque me devolve a verdade clara de quem eu sou quando a porta se fecha e não sobra ninguém para me observar.

Entre quatro paredes, eu me reconheço. Descubro que estar em casa não é apenas ocupar um endereço ou dividir um teto: é encontrar um lugar onde a alma repousa em paz. Por isso, quando tudo parece desmoronar lá fora, sei sempre para onde voltar — ao meu quarto, esse pedaço de mundo que insiste em me lembrar que pertencço a mim mesmo.

## DESPEDIDAS, ENTRE RISCOS E SOMBRAS

Flávio Venancio da Silveira Melo da Silva

No inverno de 2024 recebi a notícia da morte da minha bisavó. Não me entristeci, ao contrário: senti alívio. Ela já vivia há muito tempo presa à cama, tomada pelo Alzheimer. Preferi lembrar dela de outras formas: me dando pão para alimentar os peixes do tanque, escondendo notas de cinco reais da família para colocar na minha mão. Às vezes, eu ficava ali em sua casa apenas para observar os peixinhos coloridos.

Dois meses após a sua partida, a casa já não era a mesma. Estava vazia, sem móveis, sem vida. Era como olhar para uma casca abandonada, o que antes fora um espaço cheio de memórias e tesouros. Meu desejo de comprar a casa era conhecido por todos, mas a oferta não me foi favorável. Outro parente a adquiriu e logo a alugou. Poucos dias depois, ergueu-se um muro de tijolos, rápido como o tempo que passou desde a morte dela sem que eu percebesse. Selaram o portão que unia a casa da minha família à dela. E eu pensei: “perdi, de novo, a chance de ter a minha casa própria.”

Essa ideia me perseguiu. Antes e depois daquele episódio, me perguntei por que eu queria tanto “ter uma casa”. Acho que sempre gostei dos detalhes: o cheiro ao entrar, a decoração, as fotografias nas paredes. Sempre desejei ter um lugar capaz de acolher a mim e aos outros.

No lugar onde moro hoje, muitas vezes me sinto apenas uma sombra que entra e sai. Como uma almofada que não combina com o sofá, ou uma cortina fora do tom. Mas existe um espaço que, apesar de simples, pude chamar de meu: um quarto de paredes brancas, com cheiro de mofo; uma porta de verniz alaranjado; sem janelas; azulejos manchados pelo tempo; um teto de gesso entalhado; estantes antigas, um armário, uma cama — e um ventilador para aliviar o calor constante.

Foi ali que, pela primeira vez, descobri o poder de girar uma chave e me isolar. No escuro, permiti que a escuridão me esmagasse, mas também me libertasse. Dancei sem medo, chorei no chão frio, me joguei de bruços, fiz perguntas em silêncio, busquei respostas em orações, meditei à luz de velas. Também foi ali que me afundei em tentativas de autodestruição, e onde encontrei na escrita e no desenho a saída para minha mente inquieta.

Nas sombras de um guarda-roupa antigo, guardei meus pequenos tesouros: objetos que carrego como extensões da memória. Miniaturas de pokémons compradas na saída da escola, cristais e pedras em caixas, um porta-joias que realizei o desejo de ter igual ao da minha mãe e da minha avó, uma pasta cheia de desenhos, lápis e giz oleosos. Cada objeto guarda um fragmento de afeto, um pedaço da minha história.

Esse espaço de poucos metros, com seus objetos banais, é o lugar que reconheço como casa. É nele que guardo minhas sombras, mas também minhas alegrias. É onde eu poderia morrer em paz, cabendo inteiro dentro dele. Talvez seja lá que eu queira deixar memórias e tesouros suficientes para que, mesmo ausente, aquele quarto ainda conte quem eu fui. E, quem sabe, que eu mesmo possa um dia me tornar parte desse tesouro, uma casca de lembranças capaz de despertar nos outros as mesmas emoções que aquele pequeno espaço despertou em mim.

## APAGANDO OS RASTROS DO CAFÉ

Hugo Dárlyson de Araújo Andrade

O ano era 2005 quando meu avô derramou café no braço da poltrona velha, e minha avó veio resmungando com um pano na mão, enquanto ele ria como se nada tivesse acontecido. A cena parecia um duelo silencioso: de um lado, a mancha escura se espalhando como se quisesse conquistar o couro e suas rachaduras; do outro, minha avó, armada com o pano, tentando salvar a poltrona como quem enfrenta um incêndio. No fim, só restou o rastro do cheiro de café queimado e a risada dele, estourando junto às falhas da TV chiando em plena segunda-feira, acompanhada de um episódio do Pica-pau.

Dentro da casa dos meus avós havia aconchego, construção, um lar que parecia guardar o mundo inteiro. Do lado de fora, havia uma rua cheia de perigos invisíveis, como a transformação da mulher barata, o velho do saco, a cumade fulorzinha e até mesmo a loira do banheiro.

Hoje, olhando as fotografias, penso que aquela sala não foi apenas um cenário, mas um abrigo, um lar, palco de histórias que atravessaram as gerações dos anos 2000 da família Andrade. Foi ali que aprendi que a felicidade se esconde nas pequenas coisas: no cheiro do café recém passado, no barulho da TV chiada, até na bronca leve da minha avó.

Revisitar essas memórias é como abrir a porta de vidro do rack da sala, onde se guardavam os santinhos cercados de terços do meu avô, as pilhas de livros, os recortes de fotografias, os anjinhos de cerâmica, o vaso com rosas artificiais e até as garrafas de cachaça que repousavam ali há anos. Cada objeto carrega uma história e, juntos, formam um portal mágico que, ao ser atravessado, multiplica os sentimentos e traz de volta detalhes simbólicos esquecidos. Tudo foi moldado com amor, até mesmo os mínimos detalhes, como a parede azul que combinava com o porta-retrato de Dona Maria e Seu Elias — símbolos que hoje representam resistência, afeto, gargalhadas e ternura.

## A GARRAFINHA DA TAMPA AMARELA

Iasmim Silva de Oliveira

Todos os dias, sem falta, meu lanche na escola era aquele suco de acerola. Não era um suco qualquer: era feito com as frutas que meu padraço colhia, cedo, no quintal da nossa casa. Ele ia bem cedinho, de chinelo, balde na mão e paciência nos gestos. Voltava com as frutinhas vermelhas, ainda frias. Mainha, já na cozinha, colocava tudo no liquidificador e preparava o suco. Aquele suco não era apenas parte do lanche: era afeto em estado líquido. E chegava até a minha garrafinha de tampa amarela como um pedacinho de casa disfarçado de suco.

O quintal da casa onde cresci era quase um mundo inteiro. Tinha pé de manga, de coco, de banana e de acerola. Cada canto guardava um cheiro, uma sombra, um segredo. No verão, havia fruta fresca direto do galho. Nos dias de calor, as folhas largas ofereciam sombra e alívio. E, quando surgia algum machucado no joelho ou no coração, dali saía o remédio — fosse um chá de folha ou apenas o silêncio bom da natureza ao redor.

O cheiro da terra molhada se misturava ao doce da manga madura que caía sozinha do pé. O vento, às vezes, parecia brincar nas folhas só para nos fazer companhia, como se contasse histórias que só o quintal sabia.

Havia também a babosa, que crescia ali pertinho. Nos sábados, depois da faxina, virava tratamento de beleza. Mainha passava o gel nos nossos cabelos como quem passa herança. A gente ria, se achava meio ridícula com a sacola de supermercado na cabeça usada como touca, mas também se sentia cuidada, pertencente.

Hoje, aquela casa já não é mais minha. Talvez as árvores nem estejam mais de pé. A gente cresce, vai embora, muda de endereço. Mas certos lugares, mesmo depois que abandonamos, continuam morando na gente. O meu quintal é um desses lugares.

## PRECES PARA PEDRO

Iêda Maria da Silva Andrade

Pedro tinha noventa anos. Seus cabelos eram brancos como a neve — aquela que eu só conhecia de ouvir falar. Para mim, sua neta de apenas nove anos, ele não era apenas avô: era ritual, era presença constante, era lar.

O quarto de Pedro era meu abrigo. Havia ali uma cama de madeira gasta, um armário que rangia ao abrir, uma porta pesada que escondia segredos atrás de suas frestas, paredes frias de tijolos nus, um chão batido de barro e, bem no meio, uma rede que me embalava como se fosse colo. O teto de telhas deixava escapar sua música peculiar quando chovia: pingos que se transformavam em batidas fortes, quase como um tambor anunciando a noite.

Todas as noites seguíamos o mesmo ritual. Eu me deitava na rede e esperava. Pedro sentava-se devagar, respirava fundo e, com voz serena, iniciava as orações. Primeiro o Pai Nosso, depois a Salve Rainha. Era um momento mágico. Não mágico como nas histórias de fadas que eu lia, mas mágico porque me sentia parte de algo importante, ainda que não entendesse direito o quê. Era a presença dele, sua voz pausada, que dava sentido a cada palavra repetida.

Depois das orações, o silêncio chegava. Dormíamos. E, no dia seguinte, como quem renova o ciclo da vida, recomeçávamos.

Hoje, Pedro já não está conosco. Partiu levando seus cabelos brancos e sua voz de guia. Mas deixou em mim a certeza de que oração também é casa, também é aconchego. E, todas as noites, ainda repito aquelas mesmas preces. Não mais com ele conduzindo, mas para ele. Para que, onde quer que esteja, saiba que tudo continua como deveria ser.

Descobri que o lar não está só nas paredes de tijolos ou no barulho da chuva nas telhas. O lar está naquilo que permanece, mesmo quando a presença se transforma em memória.

## TECLANDO AFETO

Jonas Santos de Oliveira

Em uma de minhas viagens da capital paraibana rumo a Casserengue, na Paraíba, no meio do percurso, uma lembrança me veio à mente: a casa grande onde morei parte da adolescência, mais precisamente o quarto na garagem, que chamávamos de “quarto do aprender”. Ali, meu avô se sentava diante do computador, sussurrando cada palavra que digitava, sem pressa. As frases iam surgindo devagar na tela do Microsoft Word, como se fosse uma extensão da memória.

Meu avô tinha 94 anos. Era meu companheiro de histórias e descobertas, talvez a raiz da minha paixão por ensinar. Mesmo sem ter concluído o Ensino Fundamental, lia, escrevia e calculava com uma habilidade que me encantava. Tudo o que aprendia, transformava em ensinamento para mim. Ali percebi que não é o diploma que faz um mestre, mas a sabedoria acumulada e a generosidade em transmiti-la.

Tudo começou quando comprei meu primeiro computador de mesa, adquirido com os R\$ 400,00 que recebi ao concluir o curso do PRONATEC. Um dia, ao entrar no meu quarto, ele parou diante da máquina: CPU preta, duas caixinhas de som vermelhas e um monitor da Positivo. Para ele, parecia um portal para o futuro; para mim, era emocionante ver sua curiosidade.

Perguntei se queria aprender a usar. Seus olhos brilharam. Correu para buscar um caderno e um lápis azul. Sentou-se na minha primeira cadeira *gamer* — que, na verdade, era uma cadeira amarela de madeira, simples, mas firme. Hoje penso: aquela cadeira sustentava não só o corpo de meu avô, mas também o peso simbólico de uma nova etapa.

Meu *setup* ficava sobre uma mesa de madeira pintada de amarelo-claro, já descascada pelo tempo. Encostada na parede, era o centro do nosso “quarto do aprender”. Foi ali que ele fez suas primeiras anotações: ligar na tomada, apertar o botão *power*, esperar a tela acender, mover o *mouse* até o ícone do Word. Tudo escrito com cuidado, como se cada detalhe fosse essencial.

Quando o Word se abria, ele reencontrava velhas habilidades da máquina de escrever. Bastou se localizar no teclado QWERTY para recuperar a confiança. E assim, entre letras e palavras, nosso aprendizado se misturava a conversas, risadas e silêncios. Com ele entendi que aprender não é só acumular informações, mas partilhar afetos. Cada tecla pressionada parecia me dizer: “estou aqui, ainda posso aprender e ensinar”.

No fim, naquele quarto improvisado na garagem, não se aprendia apenas informática. Aprendia-se paciência, curiosidade e o valor de nunca parar de descobrir. É por isso que, até hoje, quando abro o *Word*, sinto como se meu avô ainda estivesse ao meu lado, sussurrando palavras que, mais do que frases, eram gestos de amor.

## O QUE HÁ POR TRÁS DESSE MURO ALTO?

Layana Brenda Cavalcante Santana

Eu devia ter uns seis anos quando comecei a olhar para o muro da minha casa como quem olha para um gigante protetor. Ele era alto, áspero, pintado de branco, já meio descascado pelo sol. Eu encostava o rosto nele e imaginava que aquele muro era forte o suficiente para afastar qualquer perigo. Do lado de dentro, me sentia guardada, como se a vida lá fora não pudesse me alcançar.

Mas a infância tem suas ilusões. Hoje, aos vinte e dois anos, percebo que a proteção não estava no muro. A verdadeira casa se construía em outros lugares: no abraço de mainha, no purê de jerimum; no riso dos meus irmãos, que invadia o silêncio sem pedir licença; no cuidado simples de um amor que se mostrava nos detalhes. Foi nesses gestos que encontrei abrigo, muito mais do que naquela parede alta que cercava a casa.

Com o tempo, também descobri que nem todo muro protege. Há casas onde o silêncio pesa mais que as palavras, onde a violência se esconde nos cantos e faz do lar uma prisão. Nem sempre a altura das paredes garante paz; às vezes, é justamente atrás delas que o medo cresce.

Ainda assim, aprendi que é possível levantar outras casas — aquelas invisíveis, feitas de afeto e memória. Elas aparecem no quintal cheio de risadas, no café que desperta lembranças, no som de passos familiares que aquecem o coração. Essas casas não precisam de muros altos, porque vivem dentro de nós.

Hoje, quando lembro daquele muro branco e descascado, sorrio da ingenuidade da menina que acreditava estar segura apenas por ele existir. Entendi que, por trás de qualquer muro, pode haver muito mais do que os olhos enxergam. Porque casa não é só o lugar onde moramos, mas tudo aquilo que nos habita: memórias, cicatrizes, lembranças e até as dores que nos acompanham pelo caminho.

## A VARANDA QUE ABRAÇOU O TEMPO

Leomarques de Araújo Alves

O ano era 2015, quando a família Andrade tinha acabado de chegar naquela casa simples, recém conquistada com esforço coletivo, e ainda havia muitas caixas espalhadas por todos os cômodos. No meio da arrumação, alguém comentou que faltava um lugarzinho onde todos pudessem descansar no final do dia, observar o movimento da rua e respirar um pouco. Foi então que surgiu a ideia de criar, mesmo que de maneira modesta, um espaço na lateral da casa.

Minha tia, prática como sempre, comentou que seria possível levantar umas paredes baixas, algo desprezioso, apenas para marcar o espaço. Assim, entre o desejo de descanso e a pressa de construir algo sem grandes planos, nasceu a varanda. Poucos dias depois, de forma improvisada, o canto começou a ganhar forma. Nada grandioso, mas já havia ali um convite silencioso: o local, mesmo pequeno, prometia grandes encontros.

Encolhida no canto da casa, a varanda nasceu tímida, como quem pede licença para se expressar. Várias cadeiras de plástico, uma mesa simples no centro, um espaço estreito onde o vento se arriscava a brincar. Não havia luxo; pelo contrário, muita simplicidade — e talvez fosse justamente essa simplicidade que a tornava tão acolhedora e carregada de promessas.

Com o tempo, foi crescendo. Recebeu piso novo, a estrutura tornou-se mais resistente e, a cada tijolo acrescentado, parecia ampliar não apenas seu tamanho, mas também seu coração. Aos poucos, deixou de ser apenas um espaço e se tornou um verdadeiro cenário: dedicado a boas conversas, banhos de sol e até mesmo aos silêncios que acompanham momentos peculiares da família.

Ano após ano, o tempo foi bordando memórias, mostrando que cada marca nova na varanda era como um mapa, representando tudo o que estava sendo vivido. Cada mancha de chuva guardava a assinatura visível de uma grande estação.

O aconchego da varanda se transformou em um verdadeiro abraço de concreto, capaz de abrigar diferentes gerações. Nesse amparo, ela ainda se desenvolve, firme como uma guardiã do tempo, carregando histórias e aprendendo a expandir seus limites para acomodar mais amigos, mais sorrisos e mais momentos que aquecem a vida.

Hoje, quando alguém se senta ali, observa e pensa em cada momento, percebe que a varanda já não é apenas uma parte da casa: ela é parte da família. Um testemunho silencioso de que o tempo nem sempre leva tudo; às vezes, ele constrói. E, na calada da noite, quando as luzes da rua se acendem e o vento sopra manso, parece até que a varanda sorri, orgulhosa de tudo aquilo que testemunhou. Assim, a varanda que nasceu pequena, abraça o tempo e, no tempo, se faz presente.

## MEU JEITO DE MATERNAR AFETOS

Luana da Silva Mendes

As minhas manhãs começam com um festival de sons e movimentos. Antônio, meu gato de pelos brancos e ar majestoso, faz questão de amassar o cobertor bem em cima de mim, como quem anuncia a hora de despertar. Monalisa, minha cachorrinha preta e pequena, de pelos arrepiados, já me espera ao lado da cama, abanando o rabo na expectativa do nosso passeio matinal, depois de ter passado a noite aninhada aos meus pés. No quintal, Madonna, minha jabuti teimosa, inicia sua lenta jornada, indiferente à pressa do mundo. E, no viveiro, Fred e Leia, minhas calopsitas tagarelas, trocam piados e assobios como se confidenciassem segredos da noite.

Essa é a minha família: pequena, peculiar, cada um com sua personalidade e seu jeito único de dar e receber amor.

Entendo essa dinâmica porque tive o melhor exemplo. Minha mãe, com suas mãos de trabalhadora doméstica, ergueu a dignidade do nosso lar e me ensinou que o amor não precisa de grandes palavras. Ele se revela em pequenos e constantes gestos de cuidado. Lembro de como, mesmo cansada, ela preparava minha comida favorita com um carinho capaz de transformar alimento em afeto. A sopa no inverno. O suco gelado no verão. Cada prato era uma prova silenciosa de amor, um gesto concreto de que eu estava sendo cuidada. Foi ela quem me mostrou que a conexão verdadeira nasce da proteção, da paciência e do desejo de ver o outro bem. Que lar é o lugar onde o coração se sente nutrido e acolhido.

A vida, no entanto, me levou por outro caminho. A maternidade biológica não estava nos planos de Deus para mim. Às vezes, essa ausência pesa como um vazio silencioso. Mas aprendi, com o tempo e com o amor que recebi e ofereci, que maternar vai além da gestação. O amor que sinto pelos meus animais é herança direta do amor incondicional que minha mãe me ensinou.

No carinho de Antônio que busca meu colo.

Na lealdade de Monalisa que me segue por toda a casa.

Na serenidade de Madonna, que me ensina o ritmo lento da vida.

Na alegria contagiante de Fred e Leia.

Em cada um deles encontro ecos do amor materno. Eles dependem de mim e, ao mesmo tempo, me oferecem uma afeição pura, lembrando-me a cada instante que o amor sempre encontra um jeito de se manifestar — preenchendo vazios, colorindo a existência.

Meus filhos de pelos, escamas e penas me mostram que o amor é, antes de tudo, a linguagem universal do cuidado. E que o meu lar, com todas as suas peculiaridades, é um lugar que transborda amor.

## PAREDES DA INFÂNCIA

Lucimar Cavalcante da Silva Araújo

Quando estava noiva, prestes a me casar, comecei a sonhar em comprar um terreno para construir uma casa. Alguns anos depois, consegui realizar esse desejo: comprei um belo lote, bem localizado, em Santa Rita. Uma vez por mês eu ia visitá-lo, ficava parada diante dele e já imaginava, naquele pedaço de chão, a casa linda que um dia estaria ali.

Percebi que a idealização nos leva a uma jornada íntima sobre o que significa, de fato, ter uma casa. Antes mesmo das paredes se erguerem, o terreno já era espaço de afeto e projeção de futuro. Isso mostra que a busca por um lar não é apenas a aquisição de um bem material, mas a continuidade de uma história. A casa, antes de existir concretamente, já mora na memória — como lugar de segurança e expressão.

E a memória afetiva, curiosamente, nos reconecta ao passado. A visão do terreno vazio, símbolo de novas possibilidades, me levava ao quintal da casa dos meus pais, o primeiro lar.

A casa da minha infância não foi feita só de tijolos; foi construída de lembranças, afetos e doçura. Tinha a aparência de uma casa velha, mas sua essência era o que importava.

Lembro da cozinha, sempre aquecida pelo cheiro do café fresco e do bolo simples, capaz de transformar a tarde em festa. Era lá que as conversas se prolongavam — sem celular tocando, sem a pressa de ir embora. A mesa, marcada pelo tempo, foi cenário de partilhas silenciosas e gargalhadas.

Essa casa nunca foi apenas espaço físico. Foi lugar de acolhimento, pertencimento e identidade. Era o refúgio onde se encontrava segurança, descanso e a liberdade de ser quem se é. Era, de fato, o lugar de andar nu — de corpo e de alma. Paredes que guardavam segredos.

Era a melhor casa do mundo. Ao fundo, havia um terreno que para os adultos era apenas um quintal, mas para nós, crianças, era um universo encantado, onde brincadeira e imaginação corriam soltas.

Cada pedrinha tinha um nome, cada árvore escondia mistérios, e os animais daquele quintal nos falavam num sussurro que só a infância sabia entender.

Por isso, hoje entendo: casa não é apenas onde se mora, mas onde se sente pertencente. É espaço material e simbólico, guardião de memórias, vínculos e abrigo emocional.

O conceito de casa está cada vez mais ligado ao afeto do que à estrutura. Pode ser uma grande construção ou um pequeno apartamento. Pode até não ser fixa, como para aqueles que vivem em movimento. O que a caracteriza é o sentimento de lar: a sensação de segurança, de estar à vontade, de ser reconhecido.

## SÓ O VIOLÃO RESISTIU AO TEMPO

Maria Cristiane Xavier Andrade

No último domingo, 31 de agosto, foi meu aniversário. Como de costume, fui à fazenda Alagamar comemorar com minha família. Sem perceber, me vi diante das ruínas da casa onde cresci. Parei. O silêncio pesou: já não havia mais a presença do meu pai. Fechei os olhos e, por um instante, viajei pelas lembranças dos dias mais felizes da minha vida.

Vejo uma casa de taipa, pintada de amarelo, com janelas que se abriam às pressas assim que o sol nascia. Dali se descortinavam montanhas verdes e um riacho correndo pertinho da casa de meu pai.

Meu quarto era meu lugar favorito. A cama simples, os brinquedos espalhados, tudo fazia daquele espaço meu abrigo e meu porto seguro. Foi ali que cresci, devagarinho, me tornando quem sou. Depois de tardes inteiras brincando com minha irmã e meu irmão, éramos presenteados por finais de tarde cheios de cores. Ao meu lado, sempre meu pai — e as músicas que aqueciam o coração.

Não tínhamos quase nada, mas tínhamos tudo: uns aos outros. Talvez seja isso o que, de fato, importa na vida.

Ainda sinto o cheiro do café coado no fogo de lenha. Vejo o milho verde pronto para a colheita. E, no terreiro, o pé de jerimum espalhando ramas diante daquela pequena casa tão feliz. Minha mãe sempre avisava: “Cuidado para não pisar nas ramas.” Tentávamos obedecer, mas tropeços aconteciam. Assim também é a vida: por mais cuidado que se tenha, o inesperado sempre chega.

Como a estrada que segue adiante, a vida nos entrega alegrias e tristezas. E, no fim, o que fica são as lembranças. A casa, o fogo, a canção... Só o violão resistiu ao tempo. Hoje ele é meu abrigo de felicidade, porque, sempre que toco suas cordas, sinto que não estou só. O tempo trouxe novas perspectivas, mas minhas raízes continuam firmes. Sei que tudo tem um fim, mas também sei que as lembranças são eternas.

Sou parte do ontem. Sou parte do hoje. Sou a voz que permanece. Sou, e sempre serei, até o último instante, parte de ti.

## DOMINGOS QUE ACOLHEM

Maria Dayane Lira Dantas

Foi num domingo de Páscoa que a ficha caiu, pesada como panela cheia no fogão. O dia estava calmo, como tantos outros. Eu, meu esposo e meu filho ainda sem planos, queríamos apenas aproveitar o silêncio da manhã. Logo cedo, recebemos o convite para almoçar na casa da minha sogra. Combinei com meu marido: iríamos, mas voltariamos cedo, porque o almoço da semana ainda precisava ser preparado.

Antes de seguir para lá, passei na casa de minha mãe. E o que encontro? Um almoço de Páscoa feito com carinho: peixe no coco, pratos que exalavam memória, e à mesa estavam meus dois primos e minha tia. Meu coração apertou como se tivesse engolido um balão vazio. Eu tinha sido chamada para a casa da sogra, mas não para a da minha mãe.

Com a voz embargada, cumprimentei todos e fiquei um pouco por ali. Perguntei por que não tinham me convidado, mas logo lembrei do que eu mesma dizia:

*— Mainha, não adianta me chamar de última hora para qualquer coisa no domingo. É o dia em que preparo a comida da semana e ajeto a casa. Se quiser que eu vá, só me chamando com antecedência.*

E, com aquele gesto que só mãe sabe ter, ela ainda separou um peixe no coco para que eu levasse aos meus sogros, como se dissesse que o carinho encontra sempre um jeito de chegar, mesmo quando não estamos juntos. Me despedi e segui meu caminho, levando no peito um aperto misturado com uma compreensão silenciosa: o amor de mãe não se mede por convites, mas pelo cuidado que transborda em cada detalhe.

Enquanto eu almoçava na casa da sogra, a casa de minha mãe fervilhava em cheiro de peixe no coco, mesa farta e risadas dos meus primos. Passei o resto do dia remoendo e refletindo. Às vezes, queria que o domingo tivesse mais que 24 horas, para caber dentro dele todos os encontros que a vida nos oferece.

Foi nesse dia que decidi: se o domingo é o único momento de reencontro com minha família, eu faria valer. Nem que fosse só uma passadinha, eu estaria presente onde eles se reunissem.

E assim foi. Nos domingos de galinha, peixe e gargalhadas, não faltei a nenhum. Amo estar com eles, mesmo quando a hora insiste em ser inimiga e o tempo parece sempre curto demais. Hoje sei que não é sobre datas, mas sobre presença.

O domingo continua corrido. A vida também. Mas é nesse corre que a gente encontra os abraços que seguram a semana.

## OS TELHADOS DA CIDADE

Maria Helena Barbosa Da Silva

Minha casa foi construída nos anos 2000, num terreno pequeno do interior de Caldas Novas. Suas paredes em tons neutros, o flamboyant colorindo a fachada e a janela sempre aberta que se fazia campainha para quem chegava. No entanto, por algum motivo, a cidade grande me chamava. Falavam tanto de oportunidades que parecia um convite irrecusável para buscar novos horizontes. E eu fui.

Lembro bem do dia da mudança. Era 03 de janeiro de 2016. Aluguei um carro de frete, embalei os móveis junto com meus sonhos e seguí rumo à capital. Será que era mesmo tudo aquilo que diziam? Chegando lá, encontrei algumas oportunidades, é verdade. Mas não era o paraíso prometido. Faltava sentimento, faltava propósito, faltava sentido. Descobri que muito do que me haviam contado era ilusão. Aqui vivo no compasso do trabalho e do barulho que nunca termina. E sinto saudade da casa do interior.

O telhado da cidade é outro. Embaraçado em fios de energia, cortado por cerol de pipa, distante das árvores. O cheiro de gasolina e de asfalto queimado é tão constante que já virou aroma para alguns. Mas aquela casa... aquela casa tinha vida. Tinha a vida que eu queria viver. Aqui, tudo parece comum, nada extraordinário. Nada pulsa o coração, nada faz vibrar. O telhado parece artificial, remendado. Ninguém é dono de nada, todos pagam e vão embora. Ninguém pinta as paredes ao seu modo, tudo segue um padrão, distante da subjetividade.

E eu sigo à espera. Caminho todos os dias como quem tenta reconstruir uma casa começando pelo telhado — pela fé. Porque foi Deus quem me sustentou quando o chão se desfez. Foi Ele quem me ensinou que a esperança é a única permanente, independente das mudanças indesejadas. É ela que alimenta o desejo de voltar e fortalece os sonhos de reconstrução de um abrigo distante.

Sonho em rever minha casa. Talvez mais velha, talvez coberta de trepadeiras, mas ainda de pé. Meu telhado aguenta chuva forte. Foi ele quem me ensinou a ser forte também. Tomara que tenha força suficiente para me esperar. Quero cruzar novamente aquele portão que range suave, como se me perguntasse: “Você voltou para ficar?”. Me imagino varrendo o quintal, abrindo as janelas como quem desperta um velho amigo.

## ELE SE FOI

Maria Vitória da Silva Bezerra

Foi na casa velha, carregada de lembranças, lá no sítio Boa Sorte — mas que sorte mesmo? — que ele se foi em 2012. Seu fim havia sido anunciado antes da partida, mas só chegou no final da tarde de um domingo. As crianças corriam atrás da bola, enquanto o quarto da casa se tornava cada vez mais triste, como o amarelo apagado das paredes rachadas, quente pelas velas já acesas, anunciando o fim de uma vida. O último suspiro se deu, o luto entrou pela porta da frente e, desde então, os domingos perderam o sentido.

Essa casa não é minha, mas é dona de tudo o que me forma: minhas raízes, minha infância, minha essência. Foi ali que raízes de uma família inteira se firmaram, mas também onde galhos se partiram. É morada de paredes rachadas, teto de madeira antiga e oito cômodos que pareciam abrigar o mundo.

Era naquele quadrado de paredes gastas que a família se reunia para o ritual de domingo à tarde. O sofá virava arquibancada improvisada: metade torcia pelo Flamengo, metade ria do anfitrião vascaíno, que fingia não ligar, mas roía as unhas como quem mastiga a própria paciência. Às vezes assistíamos *Os Trapalhões*, com suas piadas e tropeços, transformando a sala num picadeiro de risadas contagiantes. Outras vezes eram as Lendas Urbanas do Gugu, que entravam pela tela como fantasmas de estimação, assustando e encantando ao mesmo tempo. A casa era barulhenta, cheia de gritos que disputavam espaço com gargalhadas.

Mas ele se foi. E agora, o som mais alto que ecoa entre as rachaduras e corredores é o do silêncio.

Os próprios degraus da casa tiraram sua saúde, e seu quarto virou leito de morte. Os risos frouxos de filhas e netos se transformaram em lágrimas, enquanto seguravam suas mãos e olhavam, sem saber como se diz adeus a quem sempre esteve ali.

Hoje, da sala antes cheia e barulhenta, restaram apenas lembranças... e a poltrona do vô Demar. A mesma que carrega a marca de seu corpo, como se tivesse memórias próprias, do tempo em que nos via brincar e brigar pelos corredores da casa e pelos matos do sítio onde a infância parecia não acabar.

A “tapera” segue firme, guardando memórias como retratos na parede. E, enquanto houver quem se lembre, quem volte para sentar na varanda e ouvir os ecos do passado com carinho, a casa e o vô continuarão vivos.

## **SEMPRE PRONTA!**

**Marleide Rodrigues da Costa**

Todos os dias acordo às 4h da manhã para trabalhar. Preciso me apressar, porque o relógio não para. Tenho pressa para sair, mas ainda mais para voltar. No caminho, carrego a incerteza: será que volto?

Às 4h40, atravesso a escuridão. A lua me observa do alto, atenta aos perigos que eu nem percebo. De tanta preocupação, desperta o sol para me acompanhar. Às vezes, as nuvens cobrem o céu e derramam chuva — lágrimas do firmamento, que sabem o que já aconteceu ou pode acontecer. Outras vezes é alegria: o céu se abre por me ver bem, pronta para recomeçar.

Na companhia do dia, escalo montanhas, salto obstáculos, atravesso rios e lagoas. Ando depressa, corro o tempo todo, passo sob pontes e observo pessoas frágeis, bondosas, cruéis. O relógio é aliado e inimigo. A cidade, com suas vozes e ruídos, ensurdece.

Continuo. No empurra-empurra do transporte lotado, não há muito o que fazer além de seguir o fluxo. O dia se despede lentamente, a lua reassume seu posto de vigia e, com ela, a noite vem me fazer companhia.

Depois de tantas batalhas travadas ao longo das horas, sinto que, enfim, venci. Retorno para casa. Aqui posso despir a armadura, contemplar minha vitória e me refazer no abrigo seguro do amor daqueles que me cercam.

## O QUE AINDA RESTOU

Michele Alexandre Monteiro Dias

Era uma tarde de sexta-feira. Enquanto lavava roupas, lembranças da primeira casa onde cresci voltaram à minha mente, junto com o testemunho de vida dos meus pais.

Minha casa não era bonita — talvez nem pudesse ser chamada assim. Simples, de barro, sustentada por varas, tinha apenas um quarto, cozinha, sala e corredor para abrigar sete pessoas. E, se contássemos os bichos que se escondiam nas paredes, talvez fossem mais.

O banheiro ficava do lado de fora, feito de palha. Sair de toalha só correndo. Hoje consigo rir disso, mas, na época, não era fácil. Ao lado da casa, um quartinho servia de abrigo para os carneiros, até que virou meu quarto. Gostava de estudar ali, sentada na cama. Um dia, enquanto admirava uma foto de rã branca no livro de ciências, levei um susto: uma rã de verdade caiu em cima da página. Saí correndo, gritando, apavorada.

Apesar de tudo, aquela era a minha casa. Eu gostava de estar ali. Não precisava ser bela para ser lar. Sentia paz, queria sempre voltar para o meu cantinho. Não tinha vergonha de dizer que era marrom. Quando meus colegas perguntavam o motivo da cor, eu respondia: “porque essa é a cor da minha casa”.

O que nunca esqueço é o rastro do meu pai, José Alexandre. O quintal, que ele chamava de “praça”, era o centro de tudo. Ali se espalhavam risadas, histórias e alegrias. Quando não havia causos para contar, inventava-se um. O importante era garantir diversão — ou até medo, dependendo da narrativa. À noite, até dormir no quintal era seguro; nem o vento ousava incomodar.

O tempo passou. A casa de barro foi embora em 2010. Meu pai partiu em 29 de agosto de 2022. Mas, dentro de mim, ficaram o rastro dele e aquela casa que o tempo não conseguiu apagar. Sempre serão lembrados. Sempre que puder, contarei o que resistiu ao esquecimento.

## PERTO DO RIO

Nayane Dias Torres

Neste último domingo de inverno, minha família veio almoçar comigo. Fiz questão de preparar um bolo para o lanche. Ver todos à mesa, partilhando um bolo recheado, me levou de volta ao tempo em que morávamos na casa do sítio e minha tia preparava os almoços de domingo — sempre com bolo recheado no fim da tarde.

A casa do sítio era pequena, apenas cinco cômodos: dois quartos, a sala e uma cozinha dividida em duas partes. De um lado, a mesa e o fogão. Do outro, o fogão a lenha, a pia e os instrumentos de trabalho do meu avô, agricultor que plantava de tudo. A casa, de um parente, ficava perto de um rio.

Estava sempre cheia, fosse de gente ou de animais — talvez daí venha meu gosto por bichos. Nos dias de chuva, ficávamos deitados no sofá ou na rede, assistindo televisão. Mas a verdadeira aventura começava quando a chuva cessava e o rio transbordava. Aos domingos, como hoje, eu, minha irmã e os amigos cortávamos troncos de bananeira para usá-los como boias. Subíamos pelo sítio dos vizinhos até um trecho raso e dali começava a descida.

A disputa era por quem iria na frente. Ninguém queria ficar para trás. Às vezes, dávamos as mãos para evitar os redemoinhos, mas nem sempre funcionava. Quando alguém ficava preso, era sempre o amigo mais forte que se arriscava para buscar. Lembro do dia em que minha irmã caiu em um desses redemoinhos. Um amigo tentou segurá-la, sem sucesso. Quando percebi, nós estávamos presas lutando contra a corrente. No fim, todos voltamos ao lado seguro, e a brincadeira continuou.

A chegada ao “poço” era a segunda parte da aventura. As margens enlameadas viravam escorregadores improvisados. Corríamos, pulávamos, alguns arriscavam mortais. Entre gargalhadas, empurrões e mergulhos, todos terminavam cobertos de lama. É curioso pensar em quantos éramos; na época, parecia natural, mas hoje me surpreende lembrar de tanta gente junta. Agora, cada um segue sua vida, e não sei dizer quando foi a última vez que tomamos banho de rio juntos.

Recordar o sítio é como voltar no tempo. Dormir ouvindo as histórias que minha tia contava — ninguém narrava “a vaquinha” ou “Maria cara de pau” como ela. Brincar de boneca com meus ursos de pelúcia, improvisar cabanas com lençóis amarrados nos caibros da casa, ou entre as plantas do quintal. Até provocar os marimbondos era diversão, embora quase sempre resultasse em picadas e olhos inchados.

Naquele lugar eu tinha um céu inteiro só para mim, que ia de uma montanha a outra. Hoje, guardo as memórias e o desejo de ter novamente uma casa no sítio. Não precisa ser grande: basta espaço para uma casinha para minha tia, meu avô e minha mãe, e um terreiro amplo, de onde eu possa ver as estrelas e a lua à noite.

## EIS QUE ESTOU À PORTA E BATO!

**Pâmela Sousa de Albuquerque**

Aos 16 anos, em um culto de domingo na Primeira Igreja Batista (PIB) da Ruy Carneiro, João Pessoa, minha alma ansiava pela salvação de Deus. Antes desse dia chegar, já vivia no meio cristão desde a infância, criada dentro da igreja. Mas não entendia o que era um culto, nem compreendia a Palavra de Deus.

Havia, porém, um homem que insistentemente batia à porta do céu por mim, orando de joelhos: meu pai. Eu o ouvia, guardava seus sermões e pregações, mas achava que ainda não era a hora. Afinal, eu estava na fase da adolescência.

Até que, em um domingo, fui à igreja com meu pai e minha mãe. Eles eram da Assembleia, mas durante alguns meses me acompanharam na PIB, pois naquele tempo eu me identificava mais com a Batista. Então, de repente, durante o louvor, senti um convite interior: aceitar Cristo e me arrepender dos meus pecados. Era o Espírito Santo.

Resolvi abrir a porta do coração, mesmo com tantas feridas. Naquele dia, chorei no louvor, caminhei até a frente da igreja e entreguei minha vida a Deus. Senti o perdão como um abraço, como se Ele tivesse saudade de mim, como se tivesse me esperado todos aqueles anos.

Voltei ao banco onde meus pais estavam e os abracei. Era como se disséssemos juntos: finalmente, estamos salvos. Desde então, a mesa de casa nunca mais foi a mesma, pois Ele passou a ser o nosso convidado especial. Com isso, o que para mim era perda durante minha adolescência, transformou-se em ganho, onde as vaidades deste mundo, os prazeres e felicidades eram somente passageiras, e o que eu havia conquistado era Eterno.

## SERÁ QUE ELA É FELIZ? ACHO QUE SIM, ELA ATÉ CANTA E DANÇA!

Patrícia Rosas

Todos os dias passo pelas Três Ruas, no bairro dos Bancários, em João Pessoa. É o caminho que percorro para levar meus filhos à escola. A rua é bela, recém-reformada, repleta de árvores que fazem sombra sobre casas caras e prédios altivos. Há bares, pizzarias, clínicas, sorveterias, praças, uma academia ao ar livre. Carros apressados correm de um lado, enquanto pessoas atravessam a ciclofaixa: correndo, caminhando, passeando com os cachorros, vivendo.

Aquela mulher já faz parte da rotina da rua. Insiste em se fixar na paisagem.

Ela usa biquíni listrado. Vive ali, nas calçadas. Dorme em bancos, come quando pode, às vezes toma banho de mangueira — um gesto de bondade de algum porteiro. Não importa se o dia nasce quente, frio ou morno: está sempre de biquíni. Uma constância que chega a ser cruel.

Só me dei conta do tempo esta semana: já faz mais de um ano que a vejo ali, sem casa, sem abrigo, sem mais nada além do corpo e daquele biquíni.

E foi então que propus a meus filhos, um casal de gêmeos de 9 anos:

— E se a gente parasse o carro para conversar com ela?

Eles recusaram, rápido, entre o medo e a vergonha.

Mas a conversa seguiu. O menino perguntou:

— Será que ela é feliz?

E a menina, convicta, respondeu:

— Acho que sim. Ela até canta e dança.

Fiquei em silêncio. Para minha filha, felicidade é algo que se mede por gestos leves, por um corpo que se move, por uma voz que canta. De fato, a mulher de biquíni listrado canta e dança. Sempre.

Mas minha filha ainda não sabe que cantar e dançar não são sinônimos de felicidade.

Muita gente canta com a garganta apertada, dança para esquecer o peso que carrega no peito. Muita gente sorri enquanto o coração se esfarela por dentro.

O ditado diz: *quem canta seus males espanta*. Acho que não é bem assim. Se fosse, aquela mulher já teria varrido do corpo a fome, o frio, a solidão, a ausência de um lar. Mas ela continua ali, com seus males, mesmo cantando.

Talvez ela cante e dance para lembrar ao mundo — e a si mesma — que existe.

Mas sua dança não engaja *views*. Não tem coreografia ensaiada, não segue *trend*, não viraliza. Sua música não arranca curtidas, nem rende *collab*.

Enquanto milhões são vistos e celebrados por suas ideias fúteis, ela, com sua crueza e seu biquíni listrado, se move na calçada — invisível.

Bastaria tirar o biquíni para que, finalmente, fosse vista, porque é a nudez, e não a verdade, que chama atenção.

## QUANDO EU VOLTEI, ELE JÁ NÃO ERA O MESMO

Raíssa Martins Tavares

Aos 24 anos de idade, resolvi ganhar independência e sair de casa. Voltei duas semanas depois para visitar minha família e encontrar meu lugar de sempre. Ao entrar no meu quarto, sorri com a cena que encontrei: meu gato, deitado de barriga para cima sobre a cama. Ao ouvir meus passos, abriu os olhos, mas não se moveu. Apenas me encarou com aquele olhar preguiçoso e tornou a fechá-los, como se dissesse: “Perdeu, agora a cama é minha.”

Fiquei alguns segundos parada, observando a cena, e deixei os olhos passearem pelos detalhes do quarto. Tudo estava exatamente como eu havia deixado. Achei engraçado perceber como aquele espaço, que já fora apenas meu, agora servia de palco para o sono tranquilo de um gato. Antes era o meu refúgio; agora, um hotel felino.

Coloquei a mochila sobre a cama e, ainda assim, ele não se moveu. Foi nesse instante que me dei conta: talvez os quartos não nos pertençam tanto quanto pensamos. Eles guardam memórias, sim, mas se adaptam a novos donos, a novas ideias, a novas decorações. A verdade é que um quarto nunca está vazio: ou está cheio de lembranças, ou de pelos de gato.

E, por falar nele, se espreguiçou devagar e suspirou fundo, como se a vida fosse dura demais, mas logo voltou a dormir. Abaixei o corpo e dei um beijo na sua cabeça. Desisti de tirar minhas coisas da mochila. Melhor não atrapalhar o cochilo do novo dono do quarto.

Talvez seja isso que os quartos nos ensinam: ninguém é dono deles para sempre. A gente passa, ocupa, decora... mas cedo ou tarde eles encontram outro inquilino. O curioso é que, mesmo mudando de dono, continuam sendo casa para as nossas memórias.

## **BORA LANCHAR?**

**Raissa Rayanne Fernandes Frutuoso**

Semana passada, passei por uma lanchonete perto de casa e fui envolvida pelo cheiro inconfundível de batata frita. É curioso como um aroma consegue nos puxar para outro tempo, como se abrisse uma porta invisível para lembranças guardadas. De repente, estava de volta à minha infância, àquele dia que nunca saiu da memória.

Meu pai chegou animado e disse: “Bora lanchar?”. Eu e meu irmão vibramos de alegria. Naquele dia, ele nos deixou escolher tudo: hambúrguer, refrigerante, sorvete. Era simples, mas parecia uma festa particular, como se o mundo inteiro tivesse conspirado para nos dar aquele instante de felicidade. Hoje, entendo: aquele lanche não era apenas comida, era presente, era afeto traduzido em gesto.

Pouco depois, mais precisamente em 2010, a vida nos pegaria de surpresa com o acidente de moto que tirou meu pai. Na época, não sabíamos que seria a última vez que ele nos levaria para um lanche. Talvez por isso a memória daquele momento tenha se eternizado dentro de mim, brilhando com a intensidade de algo que jamais se apagará.

Quando volto à casa da minha avó, sinto cada detalhe daquele dia ainda presente. O retrato dele na parede, o guarda-roupa no mesmo lugar, o aroma da comida que ela preparava — tudo parece sussurrar lembranças. Vejo-o estirado no sofá, sem camisa, rindo, chamando a gente para passear, como se o tempo pudesse retroceder e nos permitir reviver aquele instante.

Percebo que a casa não é apenas tijolo e madeira. É memória. É onde meu pai continua vivo, levando-me para lanchar sempre que fecho os olhos, e onde cada canto guarda o eco de sua presença, transformando o espaço em refúgio, afeto e história.

## **GARAGEM É MODO DE DIZER**

**Raissa Ribeiro Moreira Luna**

Certo dia, em meio a tantas conversas soltas, ouvi meu pai contar como conseguiu comprar a casa onde cresci. Já conhecia a história pelos olhos da minha mãe: os perrengues da vida de aluguel, o sonho que parecia distante, quase inalcançável. Mas, dessa vez, foi diferente. Era ele quem falava, com a voz de quem revive cada passo.

Contou das dificuldades, da vida financeira apertada, da ausência de qualquer comprovante de renda. Lembro bem quando mencionou a conversa com a moça do banco: ela perguntou se ele tinha algum bem em seu nome. Ele apontou, sem jeito, para a bicicleta encostada lá fora, quase como quem pede desculpas. Ainda assim, ela não riu, não desdenhou. Pelo contrário, ofereceu esperança. Fez os papéis, deu um jeito. E, como num milagre, a aprovação veio.

Hoje, mais de vinte anos depois, aquela casa segue sendo a maior conquista dos dois. Um lar com alma, que começa antes mesmo da porta de entrada. Acolhe toda a família e, como toda casa, tem um lugar especial.

O primeiro ambiente, o da chegada, também é o da permanência. Um espaço sem título nobre, mas onde a vida verdadeiramente acontece. O chão vive sujo do entra e sai apressado, marcado pelas cinzas de cigarro que insistem em cair. No canto, uma mesa grande, antiga, pesada como as boas memórias. As cadeiras se multiplicam nos fins de semana, e o sofá, sempre desarrumado, parece não ter nenhuma pressa de parecer perfeito.

A mesa já viu de tudo: café da manhã com pão amanhecido, bolo e salgado quentinho saindo do forno, aquele almoço que só mainha sabe fazer. Também já acolheu conversa fresca, aniversários improvisados, lágrimas discretas entre um gole e outro de café. A velha madeira escura, gasta, guarda nas marcas o acúmulo dos anos: riscos de faca, manchas de panela quente, anéis de copo que o tempo nunca apagou.

Sobre ela, a garrafa térmica está sempre cheia. Ou quase. O café do meu pai não tem hora, só frequência. A xícara é sempre a mesma: um pouco lascada na borda, quase sempre suja, esperando o próximo gole. E ele volta. Sempre volta. Seu café parece ter o dom de manter aquele lugar aquecido, mesmo nos dias frios.

O sofá, torto no canto, já foi novo um dia. Hoje vive afundado, remendado, mas nunca vazio. É lugar de quem chega cedo ou de quem nunca foi embora. E as cadeiras... ah, as cadeiras. São muitas, mas nunca suficientes. Aos sábados, parecem se multiplicar, e ainda assim falta espaço. Tem sempre alguém em pé, outro se ajeitando no degrau, no colo, no chão — onde der. Porque ali ninguém quer estar longe. Ali é perto de tudo o que importa: é lugar de afeto, de comunhão.

Nesse espaço sem nome bonito, a casa respira mais forte. É onde se ri alto, onde se fazem planos e onde se desiste deles também, sem vergonha. É onde se celebra sem luxo e se chora sem cerimônia. Onde o tempo não corre — ele senta, cruza as pernas e escuta.

“Garagem” é modo de dizer. Porque ali é sala, cozinha, varanda, quintal e coração. É o começo e, muitas vezes, o melhor fim de todos os dias. E, se um dia essa mesa se calar e o sofá se ajeitar, será ali que a saudade vai sentar. Porque, naquele pedaço da casa, o tempo não passa — ele se acomoda.

## MORAR EM VOCÊ

Rhuama Fernandes da Silva

Eu sempre tive uma casa — como quase todo mundo, imagino. A minha era cheia de gente: éramos eu, meus pais e mais três irmãos. A sala grande guardava nossas bagunças e silêncios, os três quartos viviam disputas acirradas por espaço, e a cozinha... ah, a cozinha era palco de tudo: do cheiro de café fresco às conversas atravessadas, dos risos inesperados às discussões que deixavam marcas invisíveis. Ali, entre portas abertas e portas batidas, a vida acontecia — às vezes doce, às vezes amarga, mas sempre nossa.

Lembro das manhãs de sábado, um dos poucos momentos em que nos reuníamos. As conversas resumiam os assuntos da semana: enquanto alguns já estavam à mesa, outros ainda dormiam. As paredes guardam segredos de risadas e discussões, rabiscos difíceis de entender, partes descascadas que pediam reparo. Cada cômodo tinha sua memória, sua lembrança viva, um pedaço da nossa história. Ela era uma parte de mim, e eu era uma parte dela.

Recordo o dia em que me despedi daquela casa. Ansiedade e tantas outras emoções se misturavam, o choro acompanhava os abraços de despedida, e uma sensação estranha tomava conta de tudo. Foi quando percebi: só fazer parte não era suficiente. Havia muitas paredes e pouco colo, muitas palavras e poucos gestos. Aos poucos, descobri que meu verdadeiro lugar de descanso não tinha endereço fixo nem uma porta com chave exclusiva. A casa que era minha deixou de ser, porque agora eu pertencço a um novo lugar, saí do lugar onde aprendi a ser filha para entrar no lugar que me ensinaria a ser inteira. Numa quinta-feira, que já não era mais qualquer, foi o dia em que disse “SIM” e então compreendi que, não deixava apenas a casa de minha família, mas entrava numa morada feita de nós dois.

Entendi, então, que casa não é só paredes e tijolos. É o silêncio que me acolhe quando tudo é barulho. É o abraço que me embala em meio ao peso dos dias corridos. São as danças sem plateia no meio da sala. É o aconchego que nunca parece suficiente, mesmo quando é tanto. É o cuidado que se revela nos detalhes: no último pedaço de bolo que sempre é meu, no suco servido em cada refeição.

Na antiga casa, o barulho era constante, os quartos estavam sempre cheios. Na minha casa de agora, o silêncio basta — porque eu estou completa.

Foi assim que entendi que casa é o lugar onde a alma descansa, onde tudo para, mesmo com o mundo em movimento. E desde então, morar em você é saber que, quando chego, na verdade, já estou.

## ABRAÇO EM FORMA DE MADEIRA

Tamires Mariano da Silva

Assim como muita gente da minha idade que ainda não encontrou o próprio voo, eu continuo morando com meus pais. Outro dia, fui pegar um copo d'água na cozinha e acabei parando para olhar a mesa de madeira. Impossível não lembrar de todas as histórias que aquele pedaço de madeira já viu. Quando nos mudamos para a casa nova, descobrimos que a mesa, com suas seis cadeiras, não cabia. Infelizmente, tivemos que cortá-la para ela se ajustar ao espaço.

Lembro que quando criança, eu passava por debaixo dela, quase sempre raspando a testa. Aos poucos, fui crescendo, e aquela mesa deixou de ser obstáculo para se tornar companheira de tantas histórias. Hoje, a madeira já carrega mais de vinte e cinco anos. É nela que encontramos acolhimento. É, de certo modo, um abraço em forma de madeira.

Na minha casa, o momento da refeição sempre foi sagrado. No mundo corrido de hoje, em que os olhos vivem presos às telas, é na mesa que escolhemos estar presentes de verdade. Ali deixamos o celular de lado e abrimos espaço para o que realmente importa: a comunhão.

A mesa é o centro da partilha. É onde servimos o alimento e também o afeto. É quando oferecemos um bolo quentinho para quem amamos — melhor que muito banquete! — e rimos à toa naquele pedaço de madeira.

Outro dia, ao observar a mesa, lembrei do cheiro do café passado pela manhã, que invadia a cozinha e nos chamava sem precisar de palavras. Era como se a madeira absorvesse o aroma e guardasse, junto dele, nossas conversas sonolentas e nossos sonhos ainda em construção.

E você? Já parou para pensar qual é o objeto da sua casa que guarda abraços, histórias e memórias silenciosas?

## O TOMATE QUE NÃO VINGOU

Thais Batista Tavares de Araújo

Era uma manhã qualquer na nossa casa quando, como de costume, acordei cedo para preparar o café, o almoço, o lanche e o jantar de Paulo, meu ex. Ele tinha uma paixão inusitada: plantar tomates. Sim, tomates! Ele achava que ia virar agricultor urbano e transformar nosso quintal num pomar. Eu, na minha rotina, cuidava da casa, enquanto ele cuidava dos seus preciosos pés de tomate.

Até que, numa noite, ele chegou tarde. Curiosa, peguei o celular e vi umas mensagens que me indignaram: ele estava dando em cima de outras mulheres e prometendo levar tomates para elas. Que cantada traiçoeira!!! Para mim foi o estopim.

No dia seguinte, em vez de preparar o café, peguei a tesoura e parti para a vingança: arranquei todos os tomates do pé — verdes, maduros, pequenos, grandes e até os que ainda estavam pensando em nascer. Não deixei nenhum. Foi quase um massacre agrícola. Afinal, se o Paulo queria distribuir tomates por aí, que fosse plantar a horta dele em outro quintal.

E, para não sair de mãos abanando, carreguei comigo os tomates sobreviventes, como quem leva a guarda dos filhos na separação. E mais: para mostrar que aqueles frutos valiam muito mais do que meu ex, preparei um jantar digno de chef para o meu novo namorado — que, diferente do Paulo, sabe me valorizar.

Percebi que aquele pé não era só uma planta. Era o retrato da minha paciência: foi crescendo, amadurecendo, até que eu mesma não aguentei mais e passei a tesoura. Porque, no fim das contas, a vida pede isso mesmo: arrancar tudo pela raiz para recomeçar.

## ACONCHEGO ROSA

Vitória de Souza Trajano

Foi meu painho quem pintou meu quarto de rosa, com todo o cuidado de quem deseja criar um abrigo aconchegante para as incertezas do mundo. Rosa não é minha cor favorita, mas gosto dela no meu quarto porque simboliza o carinho do meu pai. Ele fica ao lado da cozinha e, por isso, quase sempre fui acordada pelo cheiro dos temperos de mainha, um aroma que atravessava o ar como um afeto quente.

Ali, entre quatro paredes rosadas, fui aprendendo a ser. Guardei memórias que oscilam entre o doce e o amargo da receita ainda não pronta que é a vida. O quarto, um palco de lembranças: as boas aquecem o peito; as outras, que a gente não convida, insistem em tocar os pensamentos e dar um laço na garganta. É nesse pequeno território que habitam minhas antigas bonecas, uma estante de livros de vários gêneros, um quadro com uma lua solitária que vigiava minhas noites e um varal com letras de canções da MPB — como se a música também quisesse morar ali, fazendo parte de mim.

Dois guarda-roupas dividem responsabilidades: um guarda lençóis que carregam o perfume de quem cuida sem pedir nada em troca; o outro, minhas roupas de menina que crescia depressa demais. E uma cama, sempre arrumada.

Na época em que dormir sozinha me dava medo, o silêncio parecia alto demais. Mas, com o tempo, o que era medo virou liberdade. A solidão virou oportunidade de imaginações. Meu quarto, mais do que um cômodo: companhia. Com o tempo, fui entendendo que quartos são lugares onde se aprende a nomear sentimentos, onde se guardam pequenas dores e enormes alegrias — aquelas que ninguém viu, só a gente sente. Cada canto, cada objeto, cada afeto carrega fragmentos do que um dia fui e do que me tornei.

Hoje, não moro mais nele. Cresci. Mudei de quarto. As obrigações chegaram antes do tempo que eu queria. Mas, nos feriados, ele ainda me acolhe quando volto para casa da minha mainha amada. Volto como quem retorna a um pedaço de si. Porque é. Volto para o cheiro da lasanha de mainha, para o lençol com perfume de cuidado, para a presença presente do que fui. Há lugares que não apenas nos abrigam: eles nos pertencem, assim como pertencemos a eles. E o meu quarto rosinha é um desses lugares. Ainda que o tempo passe, voltar se tornou uma necessidade. Voltar a ele é, antes de tudo, voltar a mim — uma forma de reconciliar passado e presente. Entre meu aconchego rosa, aprendi a ser inteira.

## A CRÔNICA DE ADELAIDE PEIXOTO

### ESPECIAL

No dia 22 de julho de 2025, a turma de *Linguagem e Interação* (turno noturno) promoveu uma roda de leitura na Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba, contando com a presença da escritora Adelaide Peixoto. O encontro constituiu-se em um espaço de diálogo e aprendizado acerca do gênero crônica, permitindo aos estudantes ampliar seus repertórios literários e refletir sobre as possibilidades de escrita desse gênero. Dias após a realização da atividade, a autora presenteou a turma com uma crônica inédita, publicada no *Jornal A União* em 5 de agosto de 2025 e, posteriormente, também disponibilizada no blog *Carlos Romero*. Esse gesto de generosidade literária ressignificou a experiência vivenciada, eternizando-a por meio da palavra escrita. A turma manifesta, assim, seu agradecimento a Adelaide Peixoto pela sensibilidade em registrar e transformar em crônica o encontro realizado.

## **RODA DE LEITURA**

Ana Adelaide Peixoto

@adelaideana

### **RODA DE LEITURA – JORNAL DA UNIÃO (05/08/25)**

ACESSE: [https://auniao.pb.gov.br/servicos/copy\\_of\\_jornal-a-uniao/2025/agosto/jornal-em-pdf-05-08-25-cdepc.pdf/view](https://auniao.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-a-uniao/2025/agosto/jornal-em-pdf-05-08-25-cdepc.pdf/view)

De repente vejo o meu Instagram repleto de seguidores e na hora fiquei surpresa, sem entender muito aquelas pessoas aparecendo no meu feed. Foi quando a professora querida, Patrícia Rosas, com quem tive a honra de dividir mesa num evento para as mulheres, no Ministério Público, em 2024, convida-me para participar de uma roda de leitura, com os seus alunos do sexto período de Pedagogia (UFPB), que estão a estudar o gênero da crônica. O tema da roda: “Casa como espaço de memória, herança e (des)integração de laços, a partir das minhas crônicas e livros”. O que é estar em casa? Como a casa preserva — ou desintegra — os laços afetivos, familiares e históricos ao longo do tempo? Como os vínculos familiares e emocionais se constroem — ou se rompem — dentro de casa?

A casa na literatura é sempre um lugar de refúgio? Ou também pode ser palco de rupturas e silêncios herdados? Foram algumas das linhas que Patrícia me passou. E lá fui eu reler textos, Virginia Woolf, capítulos da minha tese de doutorado, meus textos mais recentes por onde passeio pelos espaços do cotidiano e pelas casas onde morei. Fiquei a pensar nos meus próprios vínculos, nas minhas paredes, familiares, aconchegos e distanciamentos também. Pois a roda foi na Biblioteca Central da UFPB e pensava ser algo mais informal, numa sala de aula. Qual nada! Cadeiras enfileiradas, mesa bem decorada com livros, flores, chocolates e uma samambaia linda dos jardins da professora. Também recebi presentes, livros da própria Patrícia: Da coleção Quarto de Mulher, A Voz Cadáver, sobre feminicídio; Partência, como parte e existência, pertencimento e transcendência; e Crua, que fala da mulher não ideal, não perfeita, mas crua!

Fui apresentada com muito carinho e pequeno currículo e lá fui a passear pela crônica, minha estrada de cronista, minhas casas... Mas o melhor estava por vir. A participação dos/as alunos/ as. Imagine que, a professora pediu para os alunos pesquisarem pelo meu nome e crônicas publicadas em A União ou no blog Ambiente de Leitura (onde publico semanalmente) e que escolhessem alguma para estudar, perguntar, comentar. Alunos comprometidos e sensíveis, logo vinham com perguntas que transcendiam o texto. Perguntavam sobre as mulheres, a política, os espaços discutidos, minha opinião sobre

isso e aquilo, as atmosferas da minha escrita, a cidade, minhas leituras, e a conversa fluía por entre microfones, e sorteios de livros também.

Os alunos queriam autógrafos e fotos. E confesso que fiquei muito feliz em tê-los como leitores tão especiais. Gostava de ver as escolhas, estabelecerem intimidade, intimidade essa que eu mesmo escancaro nas minhas crônicas. Voltar à biblioteca foi outro capítulo. Fiquei a lembrar de quando eu própria levava os meus alunos para conhecerem o espaço, pesquisarem naquelas estantes, por vezes tão escassas de livros.

Era noite e os livros estavam solitários. Mas deu gosto de ver aquele grupo entusiasmado presenteando-me com lembrancinhas, diploma, oferecimentos carinhosos, e um pano de prato como embalagem, simbolizando o carinho de uma casa maior e plural. Até lembrei da Renata Vasconcellos (Jornal Nacional) que, recentemente, por ocasião das comemorações dos 100 de O Globo, fez o JN de casas familiares das regiões do país. E em casa, ela levava um pão, embrulhado domesticamente, como forma de aproximação e intimidade.

Quando assisti, achei aquele gesto bonito e peculiar. Depois li que foi exigência dela. Pois, nesse dia, eu tive o meu pano de prato especial. Concluí com um texto do escritor paraibano Braulio Tavares “Uma crônica” (Jornal da Paraíba, abril de 2013), que guardei como um tesouro: “O cronista é como um catador de lixo da história, ele procura o que não foi aproveitado, o que passou despercebido, o que ninguém se atreveu a comentar... O cronista é um cartunista, que em dois, três rabiscos, resume uma vida anônima, um sentimento eterno, uma revolução... A crônica é plástica, é elástica, é flexível, é multiuso, é multimídia... a crônica é a aluna prodígio da primeira fila, sempre atenta e sempre ligada, de óculos e sem calcinha”.

Agradeço por demais a essa professora tão linda e que faz o seu trabalho para além dos muros da sala de aula. Agradeço ao convite por me colocar de volta na UFPB. E ao terminar, sai do campus cantarolando. E voltei para casa abastecida por poder trocar e, de uma certa forma, retribuir o tanto que a UFPB me deu: uma graduação, especialização, mestrado, doutorado, trabalho, reconhecimento e tanto, tanto que aprendi e que tive oportunidade de expandir, crescer e de me qualificar.

Hoje, sou aposentada, mas ainda trabalho também em coisas assim, que me dão enorme prazer e felicidade. Um abraço aos alunos e à Patrícia, com nome de Rosas. Patrícia é como Maya Angelou, que ela cita nos seus livros: “Eu sou uma mulher fenomenal. É isso que sou.” E é mesmo.

## RODA DE LEITURA – BLOG CARLOS ROMERO (18/08/25)

ACESSE: <https://www.carlosromero.com.br/2025/08/roda-de-leitura.html>

### Roda de Leitura

ANA ADELAIDE PEIXOTO



*Uma crônica começa a se desenrolar meio preguiçosamente. Precisa apenas de um fio de assunto, que pode ser encontrado num olhar pela janela, numa consulta à estante, na lembrança de um episódio da véspera ou mesmo no mergulho vagaroso em busca da raiz de um sentimento... A crônica deve ter esse nome porque depende do Tempo, é um jogo de búzios verbais lançados pelo Tempo.*

(Bráulio Tavares, em “Uma Crônica”)

De repente, vejo o meu Instagram repleto de seguidores e, na hora, fiquei surpresa, sem entender muito aquelas pessoas aparecendo no meu feed. Quando foi que a professora querida, Patrícia Rosas — com quem tive a honra de dividir mesa num evento para as mulheres no Ministério Público, em 2024 — me convida para participar de uma Roda de Leitura com os seus alunos do 6º período de Pedagogia (UFPB), que estão a estudar o gênero da crônica.



Patricia Rosas - TV Tróia

O tema da Roda: “Casa como espaço de memória, herança e (des)integração de laços, a partir das minhas crônicas e livros.”

O que é estar em casa? Como a casa preserva – ou desintegra – os laços afetivos, familiares e históricos ao longo do tempo? Como os vínculos familiares e emocionais se constroem – ou se rompem – dentro de casa? A casa na literatura é sempre um lugar de refúgio? Ou também pode ser palco de rupturas e silêncios herdados? Foram algumas das linhas que Patrícia me passou.



Ana Adelaide Peixoto e Patrícia Rosas @letrasrosas

E lá fui eu reler textos, Virginia Woolf, capítulos da minha tese de doutorado, meus escritos mais recentes, por onde passeio pelos espaços do cotidiano e pelas casas onde morei. Fiquei a pensar nos meus próprios vínculos, nas minhas paredes, nos familiares, nos aconchegos — e nos distanciamentos também.

Pois a Roda foi na Biblioteca Central da UFPB, e eu pensava ser algo mais informal, numa sala de aula. Qual nada! Cadeiras enfileiradas, mesa bem decorada com livros, flores, chocolates e uma samambaia linda dos jardins da professora. Também recebi presentes: livros da própria Patrícia, da Coleção Quarto de Mulher — *A voz cadáver*, sobre feminicídio; *Partência*, como parte e existência, pertencimento e transcendência; e *Crua*, que fala da mulher não ideal, não perfeita, mas crua! Fui apresentada com muito carinho e um pequeno currículo, e lá fui eu passear pela crônica, minha estrada de cronista, minhas casas...



Ana Adelaide Peixoto e Patrícia Rosas (Roda de Leitura na Biblioteca da UFPB)

Mas o melhor estava por vir: a participação dos alunos e alunas. Imagine que a professora pediu para pesquisarem pelo meu nome e por crônicas publicadas em *A União* ou no blog **Ambiente de Leitura Carlos Romero** (onde publico semanalmente) e que escolhessem alguma para estudar, perguntar, comentar.

Alunos comprometidos e sensíveis logo vinham com perguntas que transcendiam o texto. Indagavam sobre as mulheres, a política, os espaços discutidos, minha opinião sobre isto e aquilo, as atmosferas da minha escrita, a cidade, minhas leituras... e a conversa fluía entre o microfone e sorteios de livros também. Os alunos queriam autógrafos e fotos. E confesso que fiquei muito feliz em tê-los como leitores tão especiais. Gostava de ver as escolhas, de estabelecerem intimidade — intimidade essa que eu mesma escancaro nas minhas crônicas.



Ana Adelaide Peixoto e alunas de Pedagogia (Roda de Leitura na Biblioteca da UFPB)  
@letrasrosas

Voltar à Biblioteca foi outro capítulo. Fiquei a lembrar de quando eu própria levava meus alunos para conhecerem o espaço, pesquisarem naquelas estantes por vezes tão escassas de livros. Era noite, e os livros estavam solitários. Mas deu gosto ver aquele grupo entusiasmado me presentando com lembrancinhas, diploma, oferecimentos carinhosos — e um pano de prato como embalagem, simbolizando o carinho de uma casa maior e plural.

Até lembrei de Renata Vasconcellos (Jornal Nacional), que recentemente, por ocasião das comemorações dos 100 anos do Globo, fez o JN de casas familiares das regiões do país. E em casa, ela levava um pão, embrulhado domesticamente, como forma de aproximação e intimidade. Quando assisti, achei aquele gesto bonito e peculiar. Depois, li que foi exigência dela. Pois ontem eu tive o meu pano de prato especial.



@g1.globo.com

Concluí com um texto do escritor paraibano Bráulio Tavares, “Uma Crônica” (Jornal da Paraíba, abril de 2013), que guardei como um tesouro:

“O cronista é como um catador de lixo da História, ele procura o que não foi aproveitado, o que passou despercebido, o que ninguém se atreveu a comentar... O cronista é um cartunista, que em dois-três rabiscos resume uma vida anônima, um sentimento eterno, uma Revolução... A crônica é plástica, é elástica, é flexível, é multiuso, é multimídia... A crônica é a aluna prodígio da primeira fila, sempre atenta e sempre ligada, de óculos e sem calcinha.”



Bráulio Tavares

Agradeço por demais a essa professora tão linda e que faz o seu trabalho para além dos muros da sala de aula. Agradeço ao convite por me colocar de volta à UFPB. E, ao terminar, saí do campus cantarolando.

Voltei para casa abastecida, por poder trocar e, de certa forma, retribuir o tanto que a UFPB me deu: graduação, especialização, mestrado, doutorado, trabalho, reconhecimento — e tanto, tanto que aprendi e tive oportunidade de expandir, crescer e me qualificar.

Hoje sou aposentada, mas ainda trabalho também em coisas assim, que me dão enorme prazer e felicidade.

Um abraço aos alunos e à Patrícia, com nome de Rosas. Patrícia é como Maya Angelou, que ela cita nos seus livros: “Eu sou uma mulher fenomenal. É isso que sou.” E é mesmo.